
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

HUGO YUKIO YAGI

**MOTIVOS DE PERMANÊNCIA NAS
VIVÊNCIAS DE ATIVIDADES FÍSICAS DE
AVENTURA NA NATUREZA**



Rio Claro
2009

HUGO YUKIO YAGI

MOTIVOS DE PERMANÊNCIAS NAS VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES
FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Bacharel em Educação Física.

Orientador: Gisele Maria Schwartz

Co-orientador: Sandro Carnicelli Filho

Rio Claro
2009

796.14 Yagi, Hugo Yukio
Y12m Motivos de permanência nas vivências de atividades físicas de aventura na natureza / Hugo Yukio Yagi. - Rio Claro : [s.n.], 2009
66 f. : il., gráfs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Gisele Maria Schwartz
Co-Orientador: Sandro Carnicelli Filho

1. Recreação. 2. Aderência. 3. Rapel. 4. Cascading. 5. Canyoning. I.
Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus pais, que suportaram todos esses anos com muita coragem, procurando sempre me incentivar, e me educar da melhor maneira possível, confiando em mim, por mais difícil a situação se mostrasse.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a meus pais, que são minha base e sem os quais nada do que sou seria possível. Espero poder um dia lhes retribuir toda esperança e as forças depositadas em mim.

Ao meu irmão Fernando, que apesar das várias brigas e desavenças faz parte da minha vida e participou também de muitas alegrias.

Um agradecimento especial à Gisele, minha orientadora, sem a qual não seria possível entregar este trabalho, pois dela partiu todo o direcionamento necessário para realização de toda a pesquisa, com muita paciência e persistência, não desistindo de mim ou do meu trabalho, toda sua determinação me mostrou o quanto poderia ter progredido, e quanto ainda posso progredir.

Sandro meu co-orientador, segundo algumas pessoas seria um “desorientador”, no entanto acredito que sua ajuda foi muito importante para a construção e conclusão deste trabalho, me mostrando uma grande determinação em atingir seus objetivos, e uma força de vontade igualmente grande.

Aos meus primos por formarem uma rede de jogatinas e diversões que entretiveram as noites de sábado e domingo de confraternizações familiares, me fazendo recobrar o ânimo para continuar seguindo em frente.

Meus grandes amigos de longa data, Marquinhos, Akira Kuru, Pate, Mika, Typa, Lincoln, Natsu, Estela, Denise.

Agradeço ao Tiagão, meu companheiro, amigão que esteve presente em praticamente todos os momentos fossem eles difíceis ou as bebedeiras, baladas, viagens, jogos e loucuras afins. Tivemos muitos momentos divertidos, assim como algumas brigas, mas ele soube me mostrar um cara esforçado, e por mais que lhe viessem as dificuldades se mostrou uma pessoa batalhadora e determinada.

Agradeço a Aninha uma das minhas melhores amigas, uma pessoa incentivadora, animada, e companheira, esteve presente em diversos momentos da minha vida, ora me ajudando em alguns momentos, ora atrapalhando, por isso nossas brigas eternas... Mas acabou por se tornar uma irmã para mim, muito querida.

Agradeço ao Dani, um amigão que primeiro parasitou em nossa casa, mas é um cara bondoso sem igual, me ajudou muito quando me cedia um cantinho em sua casa quando precisava trabalhar, e não tinha onde ficar, companheiro de gambiarras no carro e muitas outras. Queria agradecer aos pais do Dani que sempre me ajudaram da mesma maneira.

Queria expressar um agradecimento ao BEF 03, meus companheiros e amigos os quais passamos bons anos juntos, principalmente a Curupis, Ricardão, Gogo, Messias, Chimim, Rodrigo, Mirian, Aline, Mari e Manu.

Aos melhores veteranos que tive, Liu, Sandro, Mentira, Lulão, Colméia, Daniel, que me recepcionaram e me acolheram no primeiro momento, e alguns deles acompanham até hoje com grandes amigos.

Ao XXXAMC, um grupo de amigos sem igual, que demonstram um companheirismo enorme, e uma união melhor ainda, companheiros de todas as festas possíveis inimagináveis, um grupo que esteve unido em situações ruins e em outras muitas e ótimas situações. Liu, Colméia, Sandro, Lulo, Tiago, Thiago, Aerte, Johnny, Ricardo, Fábio, Fabinho, Marcão, Júnior, Roger, Gui, Xilvester, lembrarei de vocês sempre.

RESUMO

O meio urbano cresce rapidamente a cada dia tomando o lugar das árvores, da vegetação e dos animais silvestres. Esse crescimento, associado ao desenvolvimento de novas tecnologias que visam facilitar o cotidiano das pessoas, muda as práticas habituais, afastando a população citadina das atividades físicas e da natureza. Nesse contexto as atividades realizadas em meio natural vem conquistando um interesse cada vez maior de pessoas, que as procuram por diversas razões. Baseado nessa curiosidade procurou-se investigar os agentes incentivadores à permanência nas práticas do *rapel*, do *cascading* e do *canyoning*. O estudo teve uma natureza qualitativa e constou de pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa exploratória, a qual utilizou como instrumento para coleta de dados questionários mistos, aplicados a uma amostra intencional composta por 10 praticantes de cada uma dessas modalidades citadas. Os dados foram analisados descritivamente, pela Técnica de Análise de Conteúdo Temático e indicam que o ambiente natural associado a estas práticas, bem como, a perspectiva de fuga do cotidiano e a possibilidade de ampliação das relações interpessoais, representam algumas das importantes influências para a permanência nas atividades físicas de aventura na natureza.

Palavras-chave: aderência, canyoning, cascading, rapel

Sumário

1 Introdução	1
2 Objetivo	4
3 Revisão de Literatura	5
3.1 Atividades de Aventura – Introdução.....	5
3.2 <i>Rapel</i>	8
3.4 <i>Cascading</i>	11
3.5 <i>Canyoning</i>	12
3.6 Motivação	13
3.7 Motivação esportiva.....	16
3.8 Aderência e Permanência	19
4 Método	24
4.1 Natureza da pesquisa.....	24
4.2 Instrumento	24
4.3 Sujeitos.....	25
4.4 Procedimento	25
5 Análise e discussão dos dados	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
Referências	57
Anexo A – Questionário aplicado.	63
Anexo B – Termo de consentimento livre esclarecido.....	64

1 INTRODUÇÃO

A qualidade de vida do ser humano está diretamente relacionada ao meio em que ele vive, aos locais que frequenta, às atividades que realiza e pode-se notar que, atualmente, vive-se um dia-a-dia agitado, caótico e cheio de incertezas, o que promove a sensação de uma sociedade estressada, em que todos os acontecimentos geram irritações e uma pressão constante.

Surge, neste meio, uma necessidade de se distrair, relaxar, escapar da pressão sofrida diariamente em casa ou no trabalho, buscando ambientes que proporcionem mais paz e relaxamento para o corpo, nos aspectos físico e psíquico. Nesse contexto, inicia-se uma procura constante por atividades prazerosas, realizadas fora do ambiente dos edifícios e avenidas movimentadas e é na natureza que se procura encontrar a paz, o ar puro, a aventura e vivenciar algumas atividades do contexto do lazer.

Sendo assim, tomam vulto algumas opções, como as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), as quais, por suas características de contato direto com o ambiente natural, podem favorecer às pessoas o alívio do estresse, vivendo novas experiências, grandes emoções, com muita ação, auxiliando a ver a vida de uma maneira diferente e mais intensa, deixando de lado, ainda que temporariamente, os problemas diários.

Segundo Schwartz (2001) podem existir motivos de aderência como a procura por atividades novas fora do cotidiano, vivenciando novas emoções, melhorando as condições de saúde e extravasando os níveis de estresse.

As AFAN vêm ganhando adeptos, despertando o interesse, não apenas de praticantes, como de empresas, que procuram gerenciar tais atividades, proporcionando maior segurança aos usuários, ampliando o campo de opções, assim como, obtendo lucro sobre os frequentadores. Além desses interessados, ainda existem os pesquisadores, os quais procuram conhecer mais sobre as AFAN e se aprofundarem em diferentes assuntos relacionados a esse tema. O praticante procura novas

sensações e emoções, que sejam diferentes das vividas anteriormente ou que proporcionem sensações agradáveis, como a conquista e o desafio.

No Brasil, podem-se encontrar diversos locais para a prática das AFAN, dentre eles Brotas, Serra da Cantareira, Curitiba, Pindamonhangaba, Atibaia, São Bento do Sapucaí, Itajubá, Governador Valadares, além de parques e reservas conceituados, os quais oferecem atividades como o *rafting*, o caiaque, o *cascading*, a escalada e o *rapel*. A visita a tais locais é considerada uma atividade turística, o que a torna algo prazeroso, sem qualquer obrigação, a não ser a de manter o ambiente conservado.

Alguns estudos relacionados às AFAN, como o de Teixeira (2004), apontam uma grande oportunidade de desenvolvimento, por parte dos praticantes, em relação ao respeito pelo ambiente e pelos outros praticantes, o trabalho em equipe, melhor aceitação de vitórias e derrotas, assim como, o respeito pela vida, além do próprio desenvolvimento físico, dependendo do tipo de atividade que se realiza.

Muitas empresas procuram proporcionar aos seus funcionários algumas dessas atividades, em eventos direcionados especialmente para a distração dos problemas pessoais, ou, para o reconhecimento de alguns valores já citados anteriormente e para desenvolver a capacidade de superar os medos, responder melhor às pressões, sem perder o controle da situação, como salienta o estudo de Gusmán e Boyero (2001).

Alguns desses valores aparecem claramente evidenciados na prática do *rapel*, por exemplo, em montanhas ou paredes artificiais, em que se utilizam cordas para realizar descidas, paradas, transposição de obstáculos, exigindo disciplina, atenção e trabalho em equipe para um bom desempenho. A técnica do *rapel* é utilizada, também, em descidas de cachoeiras, dando-se o nome de *cascading*, quando se trata de apenas uma descida, passando a denominar-se *canyoning* quando se trata da transposição de diversas cachoeiras seguindo o curso de um rio.

Betrán (2003) classifica o *rapel* como uma atividade do meio terrestre, de caráter instável, envolvendo sensações de risco, vertigem, prazer e descanso, oferecendo médio impacto ecológico, assim como a espeleologia vertical e a escalada. Cada uma delas possui uma característica especial, que torna sua prática sempre diversificada e emocionante.

Assim como outras diversas modalidades de atividades físicas, as AFAN também necessitam de motivação, sendo um dos elementos importantes para a aderência e manutenção nessas práticas. Isler (2002, p.10) evidencia que:

A motivação é um processo que é iniciado por um impulso, ou um motivo, o qual levará o sujeito a optar por executar algo. Após a escolha este impulso permanecerá mantendo o sujeito no processo até que atinja os objetivos traçados na escolha daquilo que se propôs a fazer.

Existem motivos que fazem com que os indivíduos iniciem uma atividade e existem outros motivos ou mais motivos para que estes permaneçam na prática de atividades na natureza e passem a freqüentar os locais onde estas são realizadas, assim como, existem motivos levando à desistência da prática.

Algumas das características que podem influenciar na motivação e na manutenção envolvendo estas práticas foram identificadas por Teixeira (2004), como a ausência de horário específico, a variação do ritmo e intensidade, a constante busca de prazer e satisfação, sensações de risco e aventura, necessidade de auto-realização, controle das emoções e compromisso pessoal, entre outras.

Dentre os diversos motivos que se pode encontrar, existe a necessidade de domínio de situações desafiadoras, em que, nesse processo, com o aumento da auto-estima e a busca por desafios, o insucesso é apenas uma parte do processo de aprendizagem. Aprende-se a lidar com a ansiedade e, segundo Cozzani *et al.* (1997) a ansiedade é um sentimento de insegurança causado por uma expectativa de algum perigo ameaça ou desafio existente.

Alguns estudos já se fazem presentes na literatura, evidenciando os motivos de adesão ou permanência nas diversas atividades do contexto do lazer, entretanto, bem poucos enfatizam especificamente as AFAN. Com base neste pressuposto, este estudo procurou ampliar as reflexões acerca da compreensão a respeito de quais são os principais motivos que se evidenciam como influentes sobre a permanência nas atividades de aventura na natureza.

2 OBJETIVO

O presente estudo teve como objetivo identificar os motivos pelos quais ocorre a manutenção das práticas do *rapel*, do *cascading* e do *canyoning*, realizadas, tanto por profissionais que atuam em tais modalidades, quanto por praticantes que as vivenciam no contexto do lazer.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Atividades de Aventura – Introdução

O desenvolvimento tecnológico proporciona facilidade em acessar uma grande quantidade de tarefas do cotidiano sem que haja necessidade de se deslocar ou realizar movimentos amplos, ocasionando o distanciamento do ser humano com as práticas esportivas e o ambiente natural. O aumento das cidades, ocupando cada vez mais os locais públicos e limitando os locais para praticas esportivas e lúdicas, obrigou a criação de brinquedos e brincadeiras que pudessem se adaptar aos espaços disponíveis restringindo ainda mais os movimentos amplos (ZIMMERMANN, 2006)

Existe, por outro lado, uma crescente preocupação em realizar atividades físicas, seja pela manutenção da saúde, seja pela estética e as atividades de aventura na natureza vêm se tornando cada vez mais requisitadas como os *trekings*, a escalada, o *mountain bike*, o *rafting*, o surfe, o vôo livre, entre outras.

Betrán (2003) relaciona outros nomes para práticas que envolvem as experiências de equilíbrios e desequilíbrios, acrobacias e sensações de vertigem, que visavam defini-las segundo suas características, seriam eles: “novos esportes”, considerando-os alternativos e inovadores em relação aos esportes conhecidos; “esportes de aventura”, fazendo referência à busca de risco e incerteza ainda que estes tenham sido cercados e controlados de todas as maneiras; “esportes tecnoecológicos”, mostrando uma união entre a tecnologia e a natureza, sendo eles fatores essenciais para sua prática; “esportes em liberdade”, devido ao grande leque de possibilidades para a prática da atividade em meio natural e a escassez de regulamentos ou entidades oficiais para realização da mesma; “esportes californianos”, em relação ao local onde foram criadas algumas das práticas; “esportes selvagens”, fazendo referência ao local onde são praticadas essas atividades assim como a incerteza e o risco em oposição

aos esportes civilizados; “atividades deslizantes de aventura e sensação na natureza”, devido aos fatores presentes em grande parte das atividades desse âmbito recreativo, sendo eles o local onde são realizadas as atividades, o caráter deslizante da prática, as sensações corporais e a aventura que se busca na realização dessas atividades; “atividades esportivas de diversão e turísticas de aventura”, denominação oficial escolhida pelo Governo Autônomo de Catalunha, tendo como base os termos diversão, turismo e aventura relacionados ao esporte.

Betrán (2003) adotou a expressão Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) como forma de definir um termo capaz de identificar esse conjunto de práticas em todo o mundo e foi utilizado neste trabalho por melhor se adequar às atividades propostas pelo estudo.

Em relação ao componente do risco, esse parece ser um dos atrativos procurados nas AFAN, mesmo sabendo que esse risco é controlado, na medida do possível. Segundo Teixeira (2004) esse risco apresentado pela atividade é provocado intencionalmente, mas calculado, uma vez que existe um controle rigoroso por meio de planejamento e por equipamentos que envolvem tecnologias avançadas, ainda assim, deve existir o conhecimento sobre o local da prática, sobre a atividade e a responsabilidade do participante.

A domesticação dessas atividades ocorre diante da grande massa de pessoas que passaram a praticar as AFAN, transformando-as em práticas de “risco controlado” ou “descontrole controlado”, fazendo da aventura um conceito mais fictício que real (BETRÁN, 2003).

Segundo Abdalad (2001) o interesse das pessoas que buscam as atividades de aventura está em vivenciar emoções fortes e diferentes sensações atípicas ao cotidiano, praticando uma atividade esportiva em locais diferenciados, na natureza.

De acordo com Teixeira (2004) as AFAN podem ser atividades de difícil acessibilidade, devido à requisição de tecnologias para os equipamentos e, conseqüentemente, à necessidade de condição financeira favorável, tecnologias essas que, segundo Betrán (2003) são imprescindíveis para realizar as proposições colocadas de maneira a aproveitar os recursos naturais.

Diversas iniciativas foram tomadas para facilitar o acesso a essas tecnologias e atividades relacionadas, incluindo projetos sociais como o apresentado por Lavoura, Schwartz e Machado (2007), com o projeto “Canoagem Popular” que envolvia estudos das relações entre entidades públicas e associações locais, com o intuito de democratizar as atividades na natureza.

Existem casos como o citado por Marinho (2001), em que as corridas de aventura exigem tempo hábil para realizar os treinamentos, assim com condições financeiras favoráveis para compra de equipamentos especializados e o pagamento das taxas de inscrição para tais eventos, levando a crer que essas atividades teriam um caráter elitista, pré selecionando os praticantes. Entretanto, Marinho (2001) destaca ainda que as corridas de aventura não são exclusividade de determinadas classes sociais, colocando como exemplo eventos de menores portes e menos sofisticadas que ocorrem com grupos de moradores de uma determinada região.

As AFAN vêm promovendo novas possibilidades de aprimorar a relação humana com a natureza, relações essas que, segundo Silva (2004), podem ter um cunho educacional ou recreativo, podendo ser vivenciada de modo ativo por meio da prática das atividades, ou de maneira passiva, apenas observando e debatendo o meio ambiente.

Além do aspecto de usufruto espontâneo, algumas atividades de aventura vêm sendo utilizadas como forma de tratamento, em nível de saúde, para sintomas do pânico, proporcionando ao paciente a melhora do controle de emoções, a elevação do espírito, entre outras possibilidades, por intermédio da superação de limites antes não imaginados, vencendo medos e vivenciando riscos (TEIXEIRA, 2004).

Autores como Tahara, Carnicelli Filho, Schwartz (2006) e mesmo Tahara, Dias e Schwartz (2006), veem a natureza como foco de constante interesse de muitas pessoas que a procuram em busca de interação por diversas razões, inclusive por suas diferenças em relação ao ambiente das cidades e academias.

Para que se possa investigar os possíveis motivos de permanência nas atividades de aventura na natureza encontram-se a seguir uma breve descrição das atividades utilizadas neste estudo sendo elas: o *rapel*, o *cascading* e o *canyoning*, que

são modalidades cuja base é a descida de obstáculos por meio de cordas, sendo tratados para esta pesquisa apenas os obstáculos naturais, possuindo algumas diferenças em relação a equipamentos utilizados, locais para prática, acrescidos de outros obstáculos naturais e que serão elucidados a seguir, assim como, os fatores motivacionais ligados à adesão e permanência em atividades físicas, os quais serão vistos em um próximo item.

3.2 *Rapel*

Nazari (2007) relata que a palavra *rapel* tem origem no francês “*rappeler*” e significa “trazer” ou “recuperar”, tem-se notícia de seu surgimento por volta do século XIX e, juntamente com as técnicas de escalada, era muito utilizada por espeleólogos, os quais, com o auxílio de cordas, podiam alcançar locais que antes não tinham acesso.

Esta técnica, segundo Nazari (2007), foi efetivamente, difundida no Brasil no século XX, com a conquista da elevação denominada Dedo de Deus, em Teresópolis (RJ). A partir deste momento a técnica ficou mais conhecida e passou a ser utilizada em diversas outras situações, como resgates em montanhas e locais que necessitem o uso de cordas, como descidas de escaladas, intervenções de forças táticas, exploração de cavernas, cachoeiras, prédios, pontes e outros tipos de descidas. Tratando-se de uma técnica que possibilita realizar descidas por uma corda, utilizando-se diversos equipamentos de segurança.

O mesmo autor descreve que nesta modalidade são necessários equipamentos e conhecimentos específicos, além de grande atenção ao praticá-la. Todos os equipamentos utilizados passam por rigorosos testes de fábrica e tem seu uso específico para a prática da atividade em questão, sendo certificados pelos próprios fabricantes e por outras entidades, visando o máximo da segurança para seus usuários.

Entretanto a má aplicação e manutenção deficiente são causadas por falhas humanas, provocando acidentes em grande parte dos casos, sendo que, geralmente, são ocasionados por distração, falta de conhecimento, ou excesso de confiança.

O *Rapel* não foi definido ainda como uma técnica ou um esporte e pode-se notar a constante presença de discussões ou mesmo indagações a esse respeito, havendo os que o defendem como sendo uma prática esportiva, alegando a associação com a diversão, a adrenalina e a manutenção da saúde e os que são contra, salientando que a técnica é muito simples para ser considerada um esporte.

Sendo assim, para este estudo, o *rapel* será tratado como uma técnica, a qual possibilita uma descida ou a transposição de obstáculos por meio de cordas e freios específicos, conforme também evidencia Nazari (2007).

O *rapel* possui diversos usos, sendo uma atividade prazerosa, um meio de realizar estudos e, até mesmo, de resgates, aspectos que serão mais bem explorados e apresentados em seguida:

No âmbito do prazer e do esporte: pode-se encontrar o *rapel* sendo praticado com um fim em si mesmo, isto é, apenas a própria técnica, pelo simples prazer da prática realizada em grandes morros e montanhas, prédios e grandes obstáculos verticais; o *cascading*, sendo caracterizado pela aplicação da técnica do *rapel* em uma cachoeira isoladamente e o *canyoning*, sendo este composto por descidas de diversas cachoeiras, seguindo o curso de um rio e transpondo obstáculos verticais e horizontais, em que a técnica do rapel é empregada na descida dessas cachoeiras; ao final de um percurso de arborismo, momento em que o rapel pode ser utilizado como forma de descer das árvores; ao final de uma escalada, utilizando-se o rapel como maneira de descer do morro ou montanha.

Segurança no trabalho: Serviços de pintura, limpeza e manutenção realizados em prédios necessitam o uso do *rapel*, permitindo atingir locais de difícil acesso e garantindo a segurança dos funcionários durante suas tarefas.

Em pesquisas: Na espeleologia, o *rapel* é utilizado em conjunto com outras técnicas e equipamentos, para realizar pesquisas em cavernas, ou locais de difícil acesso. Em muitos paredões e grandes árvores podem-se encontrar tipos de vegetação

diferentes e animais a serem estudados, assim como, diferentes formações rochosas, as quais são acessadas com o auxílio dessa técnica.

Utilidades militares e de resgate: Existem unidades da polícia treinadas nas técnicas do *rapel*, a qual é utilizada em operações táticas, como invasões a edifícios e outras utilidades; os bombeiros possuem unidades treinadas no resgate em altura, fazendo uso de cordas, descensores e outros equipamentos, realizando socorros em torres, edifícios e locais de difícil acesso, como poços e grandes buracos.

Segundo Diana (2004) e Nazari (2007) o *rapel* tem diferentes estilos, sendo eles:

Rapel inclinado: É a base para que se possa praticar os outros tipos de *rapel*, sendo executado em uma parede ou uma rocha com menos de 90° em relação ao solo, proporcionando uma parede declinada.

Rapel Vertical: Ocorre assim como o anterior, mas o grau de inclinação da parede é aumentado e a saída se torna um pouco mais difícil, devido à passagem da posição horizontal para a vertical.

Rapel Negativo: É o tipo de *rapel* em que o praticante passa a uma posição onde não existe apoio com a rocha ou a parede.

Rapel Invertido Negativo: Assim como o anterior, o praticante não tem apoio na rocha e assume a posição de cabeça para baixo.

Rapel de Frente: Neste tipo de *rapel*, existe uma adaptação na posição da cadeirinha de segurança, a qual deve ser colocada ao contrário e que acaba exigindo um controle maior sobre o freio. É realizada da mesma maneira que os outros tipos, com a mudança na posição da cadeirinha.

Rapel Intercalado: É o *rapel* utilizado por escaladores em descidas de montanhas e morros, durante o qual se utiliza a corda dobrada e ocorrem diversas paradas, conforme a altura em que se encontra o praticante, onde a corda é recolhida e utilizada para a próxima descida.

O *rapel* foi classificado nos itens anteriores apenas como amostra dos possíveis nomes que pode ser encontrado na literatura, mas, todos poderiam ser resumidos, simplesmente, como *rapel*.

Rapel em Cachoeira: O *rapel* realizado em cachoeiras é conhecido como *Cascading*, e será aprofundado no próximo item.

3.4 Cascading

O *cascading* utiliza a técnica do *rapel* para realizar descidas em cachoeiras de diversos tamanhos e pode-se encontrar, assim como na atividade do *rapel*, situações de paredes negativas e inclinadas (positivas), podendo-se realizar, até mesmo, um *rapel* invertido. Esta atividade difere do *rapel*, pois, em diversas situações, são exigidos outros equipamentos, além dos utilizados no *rapel*, como roupas de “neoprene”, que servem para isolar o frio da água, capacetes que protegem os praticantes de pedras, galhos e quaisquer objetos que possam vir a rolar pelas quedas das cachoeiras, sendo que, também, devem ser utilizados em algumas situações do *rapel*.

Nazari (2007) classifica o *cascading* como um estilo de *rapel*, em que os praticantes se utilizam das mesmas técnicas para descer por cachoeiras, sendo que, para tal, deve-se atentar às pedras escorregadias, considerando também a força das quedas d’água, tendo prudência na hora de escolher a cachoeira a ser utilizada, evitando sérias conseqüências.

Associado ao *cascading*, logo após a descida da cachoeira, geralmente tem-se o percurso de um rio a ser seguido, com uma técnica diferenciada e denominando a atividade de *canyoning*.

3.5 *Canyoning*

O canyonismo é o ato de seguir o leito do rio por meio de caminhada a pé, ou com bote, bóia ou canoa, utilizando-se o *rapel*, *quando necessário*, ou qualquer outra maneira que permita acompanhar o leito de um rio cercado por rochas, conforme Munhoz e Gonçalves Junior (2004). O canyonismo teve início por volta de 1970, com o explorador francês Edouard Alfred Martel, o qual foi requisitado pelo governo da França a explorar *canyons* e gargantas na região dos Pirineus, fronteira entre França e Espanha, exigindo o desenvolvimento de técnicas que permitissem transpor os obstáculos verticais e anfíbios. Martel tornou-se o precursor do esporte, dando a ele um nome e criando uma ciência denominada de espeleologia (ZAITH; COTRIM, 2001).

As atividades do canyonismo são realizadas sempre em grupos, segundo Zaith e Cotrim (2001) estes grupos são compostos por um mínimo de três a quatro participantes, devendo sempre ter instrutores experientes junto ao grupo e existindo a necessidade de programar previamente a expedição, de maneira a não se correr riscos, devido às condições climáticas.

Para tais atividades são necessários alguns equipamentos adicionais comparado ao *rapel*, como a utilização de roupas de “neoprene”, ascensores, botas com solados resistentes à água, blocantes, roldanas e outros, exigindo maior conhecimento sobre técnicas com cordas e amarrações assim como, sobre o curso do rio, orientação cartográfica e sobre a previsão do tempo.

Segundo Zaith e Cotrim (2001), no Brasil, o *canyoning* teve início com um grupo de espeleólogos, hoje denominados de “grupo H2Omem” que, em 10 anos de atuação, cadastrou mais de duas mil cachoeiras, em 12 estados brasileiros.

Baseado no item anterior, é possível ter uma idéia das atividades abordadas nesse trabalho, assim como, em que se baseiam tais atividades, permitindo levantar hipóteses a respeito dos motivos envolvidos na permanência na atividade e, para melhor exploração do assunto motivação e sua influência, o item a seguir procura evidenciar apropriadamente a motivação com seus diversos aspectos.

3.6 Motivação

Segundo Murray (1971), a motivação é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Em 1982, Singer disse que a motivação era responsável pela iniciação e pela manutenção de um indivíduo em uma atividade. O mesmo autor dizia que o motivo poderia vir de estímulos externos, como troféus, prêmios e medalhas, ou estímulos internos, como ampliação de si, superação de medos e limites.

Em estudos anteriores a respeito da temática, Cratty (1984) refere-se à motivação como o determinante de esforço e intensidade destinados à prática selecionada, evidenciando que cada indivíduo é motivado por razões diferentes, já que uma atividade pode gerar incentivo, assim como, outra atividade pode não gerar.

Pfromm Neto (1987) acredita que Singer tinha razão sobre a motivação como responsável pela aderência e pela permanência de um sujeito em uma prática. O autor crê, ainda, que, no início das atividades, a pessoa pode ter um nível baixo de motivação e que pode aumentar consideravelmente, à medida que o praticante é beneficiado e experimenta o êxito.

Thill (1989), a este respeito salienta que existem duas dimensões fundamentais, segundo as teorias motivacionais, que são: a direção e a intensidade relativas à orientação em relação a um determinado objetivo e quanta energia é investida para que se possa atingi-lo.

Autores como Machado (1995) e Cruz (1996) classificam a motivação em extrínseca, quando relacionada a aspectos materiais ou externos, como troféus e dinheiro, ou não materiais, como elogios e bons resultados, e motivação intrínseca, para a satisfação própria, possível observar em pessoas motivadas a serem competentes, competitivas, que gostam de ação ou excitação, que querem aprender o máximo que puderem. Esses autores salientam que esta última parece ser mais eficiente que a extrínseca.

[...] o estudo dos motivos significa o exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior desempenho que outras; ou ainda, persistir numa atividade por um longo período de tempo. Esses motivos podem ser de natureza inata ou aprendida, mas independentemente de sua origem quando eles são ativados iniciam um comportamento dirigido fazendo com que o motivo seja reduzido ou eliminado. (GOUVEA, 2001, p.158)

O apoio dos amigos e familiares é muito importante para que haja manutenção de uma determinada prática, seja ela de qualquer nível de dificuldade. Muitos se mantêm nas práticas por serem bem apoiados pelos pais ou amigos, mas, mesmo com o apoio de pessoas queridas, alguns indivíduos desistem das atividades por falta de motivação própria. A este respeito Machado (1995) cita Freud, salientando que os motivos são congênitos, com o objetivo de satisfazer características essenciais, como o prazer e a libido.

Existem ainda outros fatores, como o reconhecimento perante a sociedade, elogios, posição em ranking, prêmios, reconhecimento do grupo e outros, que são utilizados por pessoas para motivar os praticantes, sendo conhecidos como motivos extrínsecos.

Ao se completar uma tarefa, o ganho material pode gerar um impacto motivacional muito grande, modificando o nível de motivação de um indivíduo, assim como, influenciando em suas preferências, na seleção da atividade que deseja realizar a sua livre escolha, situando sua persistência, seu esforço e a qualidade da sua performance. Segundo Singer e Orbach (1999) a sensação de tarefa cumprida, a satisfação, a realização são processos que direcionam grande energia motivacional, para os quais, o ideal seria um mundo em que se gostasse do que se está fazendo, para se sentir bem e ser recompensado pelas realizações.

Ainda segundo Singer e Orbach (1999), os processos comportamentais enfatizam a importância da motivação externa, como os prêmios para manutenção do estímulo para uma atividade e a proficiência na realização da tarefa, ainda que os humanistas digam que a auto-percepção está associada à satisfação e à realização como fatores principais por sustentarem a motivação.

Harris (1976) refere-se a outros autores que afirmam que a força da motivação depende de amor, aprovação social, dignidade, segurança e êxito, como base para

uma estrutura motivacional completa. Fatores que têm tanto motivos intrínsecos como extrínsecos.

De acordo com Wingfield (apud PFROMM NETO, 1987), os motivos podem ser baseados em imagens de outras pessoas que são admiradas pelo indivíduo, procurando ser como o pai, a mãe, ou o treinador e assumindo para si os valores e filosofias daqueles a serem copiados. Pode, ainda, haver influencia dos elogios e pelo reconhecimento de outras pessoas perante as ações, observando, tanto a participação de motivação intrínseca como extrínseca.

Segundo Cruz (1996), pessoas que procuram ser competentes e competitivas querem aprender ao máximo e gostam de ação, sendo motivadas intrinsecamente. Tipo de motivação que, conforme Gouvea (1997), está presente em todo tipo de atividade, tendo ou não influências externas.

Para Singer e Orbach (1999), tanto os motivos intrínsecos quanto extrínsecos têm sua contribuição, no entanto, o significado dos fatores intrínsecos torna-se objeto de estudos, por apresentarem a realização ligada ao fazer pelo simples fato de fazer, ou desfrutar do desafio, a tentativa de melhorias próprias e suas competências, ou apenas sentindo-se realizado pela sua passagem pelas experiências.

Para Harris (1976) a motivação é tratada como um processo multidimensional formado por diversas classes de motivos, dentre as quais se encontra o nível de gratificação, relacionada a diversas razões, podendo consistir em elementos completamente individuais. Tal classe de motivo pode ser considerada como um tipo de motivação intrínseca, assim como visto anteriormente.

Os objetivos, intenções, expectativas e planos individuais, são considerados componentes intermediários da motivação segundo De Marco e Junqueira (1993), assim como, a curiosidade é considerada pelos mesmos uma motivação intrínseca, em que o fator que move e dá energia é o objetivo em conseguir informações, tendo como recompensa o próprio ato de realizar a atividade.

Dentro das atividades propostas podemos encontrar uma variedade de locais para prática e diversas situações novas e desafiadoras, que podem ser encaradas com curiosidade, fazendo parte da motivação.

Segundo Gouvea (2001), as atividades rígidas e monótonas impostas aos indivíduos no ensino médio podem não despertar a energia necessária para que se sustente a espontaneidade, como a curiosidade e um compromisso profundo em relação ao lado social. O mesmo autor diz que, no momento em que um indivíduo está envolvido em um desafio, no qual sua auto-estima, sua valorização ou os resultados são colocados em jogo, utiliza-se um envolvimento maior para tais atividades, mesmo assim, todo envolvimento excessivo pode prejudicar, aumentando a tensão e a ansiedade, o que provocaria falhas no desempenho e possivelmente desmotivação.

A auto-estima é um tipo de motivação intrínseca que pode ser influenciada por recompensas de aspecto informativo, como relata Deci (1975), em que o aspecto informativo das recompensas pode ter tanto valor positivo, quanto negativo, como informações relativas ao seu desempenho, seus comportamentos e habilidades. No caso de informações negativas, os sentimentos de competência estariam sendo depreciados e, no caso contrário, quando as informações são positivas tais sentimentos são aumentados. Dessa maneira, pode-se identificar motivação para permanecer na atividade e, pelo lado negativo, um possível motivo para desistência.

A motivação é considerada de grande importância para este estudo, visto que, sem motivação não haveria a adesão e, conseqüentemente, não haveria permanência em determinada prática. No entanto é necessário um aprofundamento acerca da motivação voltada para a atividade física, seja ela em um ambiente natural, ou não, possibilitando a visualização de aspectos relevantes ao entendimento da pesquisa. Sendo assim, o próximo item procura explorar tais aspectos.

3.7 Motivação esportiva

Singer (1982) coloca a motivação como um dos fatores de sucesso de uma atividade, sendo ela a responsável pela insistência e a procura por realizar um objetivo

de forma ativa. Mas, sem a aprendizagem, não se pode obter um bom desempenho, além de poder produzir um efeito contrário ao esperado, levando o indivíduo a uma falta de atenção e concentração, prejudicando seu desempenho. Ainda segundo o autor, existe uma Lei de Yarkes-Dodson, a qual defende a existência de um nível de motivação considerado ideal para cada tarefa e para cada executor. Em geral, os esportes mais competitivos contam com os espectadores torcendo e, em alguns momentos, incentivando, o que pode influenciar alguns indivíduos. Esses elementos deram origem ao que Singer (1982) chamou de efeito psicológico.

Herkimer (apud SINGER, 1982, p.15) afirma que “Os jogadores contam que muitas vezes eles podem dar o melhor de si quando a multidão está aplaudindo-os.”.

Existem momentos em que a motivação pode deixar de ser intrínseca, ao se procurar fazer o melhor possível e dar o melhor de si em cada momento da tarefa, passando a ser extrínseca quando se propõe a provar aos outros a capacidade de se concluir com sucesso a atividade e atingir um objetivo antes desacreditado por outros (SINGER, 1982).

No caso de atividades como estas propostas nesse trabalho, pode-se fazer um vínculo com indivíduos que, ao se depararem com as dificuldades em transposição dos obstáculos hesitam em realizá-las. Mas, ao breve sinal de incentivo dos companheiros, ou mesmo, de espectadores que estejam no local apenas observando, assumem uma postura mais agressiva, encarando a atividade por outra perspectiva, realizando a tarefa e, caso venham a experimentar recompensas positivas, podem vir a praticar o esporte de forma mais recorrente.

Singer e Orbach (1999) citam a motivação interna como alto nível para sustentação de atletas de elite durante toda sua carreira e, quando uma pessoa percebe que tem a habilidade de concluir algo, de fazer algo acontecer e os comportamentos e conquistas são por autodeterminação, a motivação intrínseca passa a prevalecer, causando uma percepção de autonomia. Ainda esses autores, a motivação esportiva é geralmente apoiada em intenções de vencer e evitar perder, assim como, em se tornar o melhor que pode existir, mas, seja qual for a razão ou

fonte, a motivação pode influenciar na seleção da atividade a ser realizada, na manutenção, no esforço aplicado e na qualidade de desenvolvimento.

Dentro do esporte, Martindale, Devlin e Vyse (1990) mencionam que os motivos mais importantes para participação de estudantes universitários são a melhoria da saúde e aptidão, demonstrados por atletas de equipes principais ou recreativas e, mesmo tendo em vista que a competição é um dos principais motivos, quando eram realizadas atividades recreativas e os participantes se divertiam, o valor social se manifestava, caso que se pode considerar nas atividades propostas, devido à, geralmente, não existirem competições entre equipes, mas existir o propósito da melhoria própria e do grupo envolvido, do beneficiamento da saúde e a aptidão ligada à melhoria.

Entretanto, a presença de recompensas de caráter externo é freqüente no âmbito competitivo, em casos como o descrito por Singer e Orbach (1999), em que o estado considerado ideal permite que a motivação interna conduza a experiências significativas para o indivíduo que as experimenta, assim como, a realização pessoal. Dessa forma, os prêmios e ganhos materiais seriam consequência do sucesso. Existe ainda a possibilidade de que o prêmio material seja prejudicial, o que, segundo Cameron e Pierce (1994), é um caso extremamente específico e sob circunstâncias especiais, que ocorre quando uma premiação material é fornecida independente do desenvolvimento obtido, levando ao decréscimo da motivação intrínseca.

Mesmo sabendo da existência dos fatores intrínseco e extrínseco e que ambos podem contribuir para a motivação, o fator intrínseco é considerado por Machado (1995) e Angelini (1973), assim como Singer e Orbach (1999), como o combustível que alimenta um motor feliz, mesmo nas dificuldades, no enfrentamento de longas distâncias e na dolorida estrada do sucesso.

Assim como apontado por autores como Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), as atividades físicas de aventura na natureza são consideradas práticas que proporcionam bem-estar físico e psíquico, possibilitando uma melhor relação ser humano-natureza, por intermédio de atividades lúdicas e, mudando-se o local de

realização da prática tem-se uma saída da pressão tolerada diariamente no ambiente das grandes cidades.

Visto os fatores que podem gerar o interesse por determinada atividade, as relações existentes entre esses fatores e as recompensas, sejam elas intrínsecas ou extrínsecas, pode-se atentar para quais delas realmente influenciam na aderência e permanência dos indivíduos em uma determinada prática.

3.8 Aderência e Permanência

Okuma(1994), salienta que as pessoas que iniciam um programa de atividade física e se adaptam a ele são geralmente aquelas que apresentam baixo perfil para doenças cardiovasculares, com boa aptidão física, não obesas, com maior nível de escolarização, maior renda financeira e níveis mais elevados de habilidades motoras. Mas, ela também salienta que os principais determinantes da manutenção da atividade física são ambientais, tendo-se como determinantes ambientais o tempo disponível, as características do exercício proposto e a proximidade com o local da prática.

Existem autores como Barbanti (1994), que entendem a aderência como a participação constante a uma atividade ou um programa de atividades físicas, considerando as formas individuais ou coletivas, assim como Saba (2001, p.05) que faz a seguinte consideração: a “aderência é a manutenção da prática de exercícios físicos por longos períodos de tempo, como parte da rotina dos indivíduos.”.

Para Gouvea (1997), a manutenção da prática depende da intensidade do motivo, sendo este a alavanca que leva à aderência e, quando esta adquire grande intensidade, pode levar à manutenção.

Para Okuma (1994) os indivíduos iniciam uma atividade física por diversos motivos, como benefícios para a saúde, por sentirem-se bem, para controle de peso, melhora da aparência, redução do stress, entre outros alcançando estes objetivos o

indivíduo pode aderir a um programa de exercícios físicos regulares. Assim como o prazer, é um componente de grande importância, mas não o único para a manutenção, são importantes, também, a sensação de competência e o interesse na execução da atividade.

Saba (2001) coloca o prazer como um dos fatores de grande importância na manutenção ao exercício físico, proporcionando maior interesse e mais satisfação nas atividades realizadas.

O êxito, assim como o prazer, é um fator de primordial para a manutenção da atividade, visto que pessoas que experimentam o fracasso podem acabar se afastando, caso a intensidade da motivação não seja suficiente. Harris (1976) trata o resultado positivo como um conceito dicotômico, já que qualquer situação em que se atinge o objetivo permite a melhoria, tendo lado a lado a possibilidade de fracasso constante.

O fracasso é considerado por Singer e Orbach (1999) como o principal fator de desencorajamento, que leva à perda do interesse pelo esporte e, possivelmente, à uma desistência, principalmente se essa sensação for contínua. Os mesmos autores dizem ainda que esse sentimento pode encorajar ou desencorajar um atleta, dependendo da análise feita para se entender o fracasso, o qual, segundo Weiner (1986), caso este seja entendido como falta de esforço, ou fatores que podem ser mudados, aumenta a possibilidade de se tornar um fator de permanência. Caso seja atribuído a outros fatores, como falta de talento ou habilidade, os quais não podem ser mudados, aumentam as chances de se tornar um fator de desistência, pois são geralmente atribuídos a fatores internos, de estabilidade, sendo considerados como dimensões que não se pode controlar.

Existem, ainda, aqueles que, mesmo diante de um fracasso, são capazes de permanecer na atividade, devido ao motivo pelo qual realizam essa atividade. Weiner (1986) disse que as falhas e sucessos podem ser atribuídos a diversos fatores pelos próprios praticantes e essas atribuições podem aumentar ou diminuir diferentes parâmetros, como a expectativa, emoção e realização, nos casos em que o praticante utiliza atribuições funcionais, sendo interno, controlável e instável. Este indivíduo é relatado como mais persistente na tarefa após a falha. Sendo assim, essas pessoas

acreditam que podem fazer algo para que obtenham sucesso e, assim, se mantêm na atividade. Este processo é composto por diversos fatores, entre eles pode-se notar a expectativa de sucesso, a requisição de performance, a avaliação, as atribuições geradas pelas percepções, as expectativas de um sucesso futuro e a persistência na prática.

Segundo a Teoria Cognitiva da Motivação citada por Franco (2000), existem também as pessoas que são motivadas pela esperança do êxito. Tais pessoas apresentam alto índice de motivação para realização da tarefa, com baixo índice de angústia ou medo da derrota. Estas seriam as que permanecem nas atividades por maior tempo ou indeterminadamente. Já aquelas que são movidas pelo medo do fracasso, apresentam baixo índice de motivação para realização das tarefas, devido ao fato de não acreditarem que possam conseguir, possuindo alto índice de angústia, devido ao pensamento de que o fracasso as levaria ao nada, procurando tarefas muito fáceis para não terem chances de fracasso, ou tarefas com alto grau de dificuldade, para poderem se justificar ao falharem, sendo assim, tais pessoas dificilmente permanecem na atividade.

O desempenho gerado na tarefa é de grande importância para a manutenção em uma atividade, visto que, dependendo da pretensão do indivíduo, um baixo desempenho poderia afastá-lo. No entanto, uma atividade que oferece pouca dificuldade também poderia criar desistências, devido ao fato de originar pouca excitação, que, para Thill (1989), é responsável pelo desempenho positivo ou negativo de um indivíduo, onde o aumento do desempenho é relativo ao aumento da desta, até certo limite em que esse aumento é prejudicial ao desempenho.

Alguns outros motivos podem ser considerados como sendo positivos, tanto para aderência, como para a permanência nas atividades de aventura na natureza, como salienta Harris (1976), ao relatar que a participação no esporte pode, além de outros fatores, servir como escape da agressão contra a sociedade, o convencional e outras coisas que tenham produzido frustração em um atleta. Desta maneira, pode-se estimar que as pessoas venham procurar as atividades visando suprir uma necessidade gerada

pelo cotidiano, não apenas iniciar uma atividade, assim como, continuar sua prática, visto que a mesma atingiu as expectativas.

Singer e Orbach (1999) concordam que aqueles que se destacam em suas atividades especializadas tendem a apresentar um alto grau de persistência na atividade, desempenho excepcional, identificam aspectos positivos do estresse sujeitando-se a riscos sensatos, desafiam a si mesmos em busca de metas estabelecidas, dirigindo grande quantidade de energia para serem melhores, mais rápidos e mais eficientes que outras pessoas.

A “auto-eficácia” segundo Bandura (1977, 1986) influencia na escolha da atividade a se realizar, tendo, as pessoas, preferência por aderir a uma atividade segundo o esforço necessário a se aplicar, o padrão de dificuldade e as reações emocionais. Uma auto-estima abalada, falta de confiança e a expectativa de desempenho baixo em relação a uma atividade não conduz o indivíduo a permanecer e se realizar em uma atividade. Bandura (1986) cita que há uma tendência dos indivíduos em desistir frente ao baixo desempenho e a estímulos estressantes.

Toda atividade requer controle de si e disciplina para que se possa permanecer na prática e gerar respostas positivas. Harris (1976) evidencia algumas razões para explicar a conduta humana, como a necessidade de realização, a necessidade de gratificação dos desejos individuais e o reconhecimento. Tais razões, assim como diversos motivos já citados, podem ser alguns dos itens que levam à permanência de um indivíduo em uma AFAN.

Baseado nesses autores pode-se notar que a motivação é o que leva o indivíduo a iniciar uma atividade. É ela que disponibiliza força para atingir seu objetivo, sendo este atingido em um curto período de tempo, no caso da aderência e em um longo período de tempo, em relação a permanência, sendo que os motivos podem se caracterizar de diversas maneiras, adotando interpretações diferentes, assim como, a força e a intensidade geradas pelas mais variadas razões.

Diante do contexto gerado pela motivação, aderência e permanência em uma atividade física, assim como nas atividades em questão, buscaram-se quais fatores realmente levam um indivíduo a permanecer em uma AFAN. Para tal, a revisão de

literatura foi importante e será complementada com a pesquisa exploratória, desenvolvida por intermédio da aplicação de questionário, a qual será descrita a seguir.

4 MÉTODO

4.1 Natureza da pesquisa

O estudo teve um caráter qualitativo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social, tendo como finalidade situações complexas ou estritamente particulares, dirigidas à análise de atitudes, motivações, expectativas, valores entre outros, conforme Richardson et al (1999).

O estudo foi realizado em duas fases, sendo a primeira relativa a uma revisão bibliográfica, a qual visou aumentar o conhecimento a respeito do tema abordado, relacionando a motivação e as AFAN, realizada com base em livros, artigos e bases de dados eletrônicas.

A segunda fase foi uma pesquisa exploratória, para se aprofundar no universo pesquisado.

4.2 Instrumento

A segunda fase da pesquisa foi realizada por meio de um questionário do tipo misto, contendo questões abertas e fechadas, oferecendo maior liberdade de respostas e, ao mesmo tempo, podendo desvendar mais facilmente algumas respostas, além de ser de fácil aplicação, segundo o que Richardson et al (1999) propõem.

Harris (1976), afirma que, para entender a motivação deve-se responder à pergunta do porquê de se realizar a atividade, no entanto, essa pergunta trataria a questão como filosófica, de maneira que a resposta seria subjetiva e inconclusiva. Para

possibilitar uma conclusão é necessário realizar a pergunta de como são motivados, gerando repostas que podem ser observadas, medidas, registradas e quantificadas e, por tal motivo e pelos motivos já apresentados, o questionário do tipo misto demonstrou ser o mais ideal a ser utilizado como instrumento para este trabalho.

4.3 Sujeitos

Participaram da pesquisa 10 praticantes de cada uma das atividades, *rapel*, *cascading* e *canyoning*, originados de locais diversos e freqüentadores de diferentes locais de prática, presentes com um mínimo de duas vezes mensais. A amostra intencional da pesquisa foi constituída por indivíduos de ambos os sexos, com formações profissionais diversificadas, assim como, o nível de escolaridade.

4.4 Procedimento

Um questionário piloto foi elaborado e passou pelo julgamento de três professores portadores do título de doutor, conhecedores do tema abordado, para que o mesmo fosse validado. A partir das propostas dos avaliadores foi elaborado o questionário definitivo, que foi utilizado na coleta de informações.

Foi realizado um contato inicial com empresas que proporcionavam tais atividades, buscando a possibilidade de aplicar o questionário, a partir desse momento, foi feito o contato direto com os sujeitos, para os quais foram prestados os esclarecimentos a respeito do estudo.

Todos os sujeitos que concordaram em participar da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. O instrumento para a coleta de dados foi aplicado pessoalmente pelo pesquisador, após a prática das atividades.

Os sujeitos participantes foram voluntários, sem qualquer tipo de remuneração ou apoio material, não sofreram qualquer tipo de pressão para responderem ao questionário. O entrevistador esteve à disposição para que pudessem ser sanadas quaisquer dúvidas que viessem a surgir.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados coletados com a aplicação do proposto instrumento foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático, porque esta permite descobrir o “sentido” que o sujeito deseja dar a uma determinada mensagem. Assim, o pesquisador procurou identificar o tema de uma resposta, extraíndo seu significado, segundo a proposta de Richardson et al. (1999).

Para ilustrar os dados qualitativos, estes também foram expressos de forma percentual, em tabelas, quadros ou gráficos.

A faixa etária encontrada variou entre 23 e 50 anos, sendo que a modalidade do *Canyoning* obteve a maior (média de idade) e o *Cascading* a menor (média de idade). Dentre as três modalidades foi possível observar que 17% dos praticantes têm 27 anos e a média geral foi de 32 anos, mostrando-se a média intermediária de adultos.

É possível que esta média predominante de adultos jovens esteja relacionada a uma parcela economicamente ativa da sociedade.

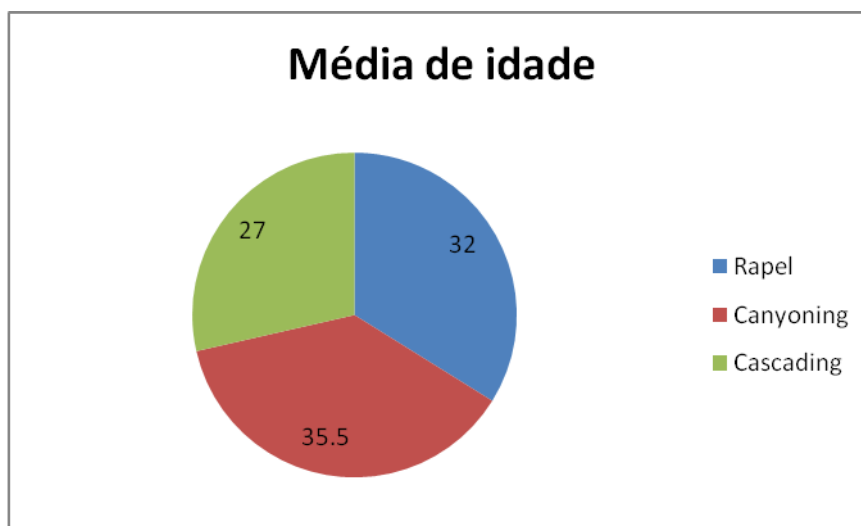


Figura 1: Representação da média de idade dos participantes (em anos).

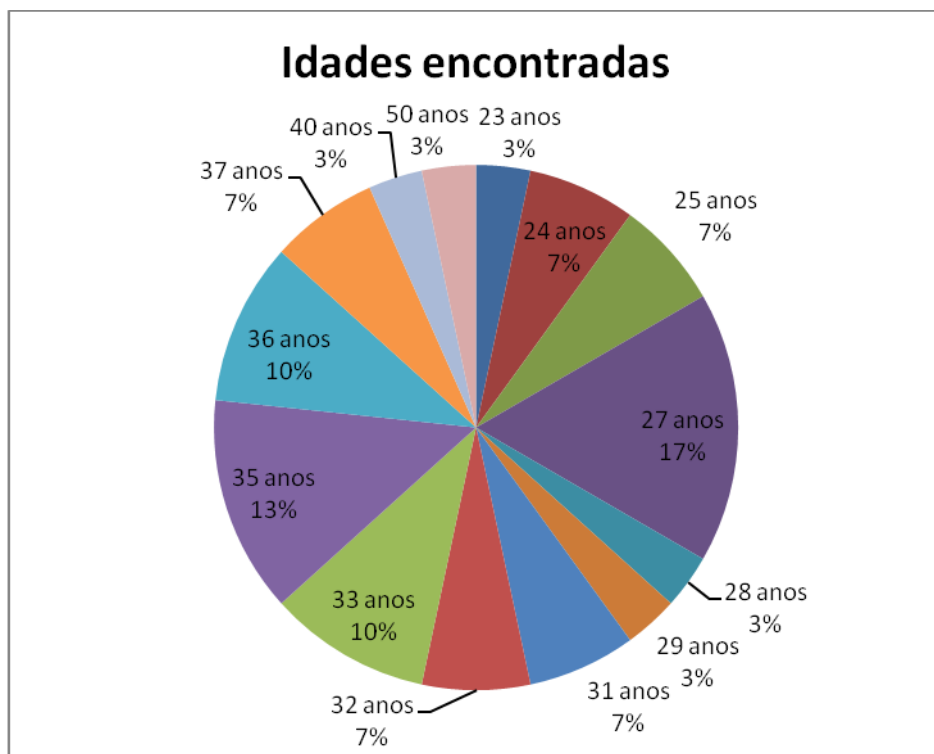


Figura 2: Representação das idades dos participantes.

O grau de escolaridade apresentado pelos praticantes das três modalidades teve variação entre indivíduos que completaram o ensino médio e os que completaram ou estão cursando uma pós-graduação, sendo que 80% se apresentaram em nível de graduação em ensino superior, cursando ou concluído. Este fato poderia sugerir que as atividades propostas são acessadas mais comumente por indivíduos com nível de instrução maior.

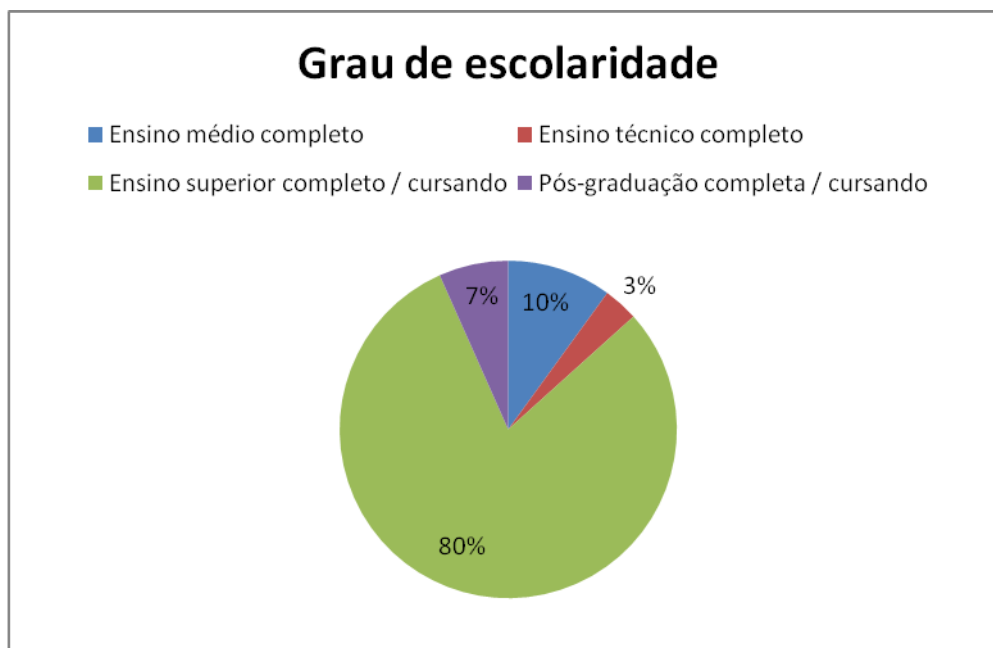


Figura 3: Representação do grau de escolaridade dos participantes.

O grau de escolaridade em alusão à condição de recursos financeiros pode ser colocado como um dos obstáculos oferecidos, devido ao alto custo relacionado à prática das atividades propostas.

A pesquisa constou de participantes de ambos os gêneros e foi encontrada uma parcela predominante de indivíduos do gênero masculino, formando 73% da população pesquisada.

Pode-se atribuir a pequena quantidade de indivíduos do gênero feminino a diversos fatores associados a atual situação da mulher na sociedade. Assim como no estudo realizado por Silva, Marinho e Schwartz (2005), em muitos casos, as mulheres são responsáveis pela dupla jornada de trabalho, cuidando de casa e lidando com uma posição no mercado de trabalho. Não somente esse motivo pode significar sua menor presença em números, como o papel social que vem mudando constantemente.

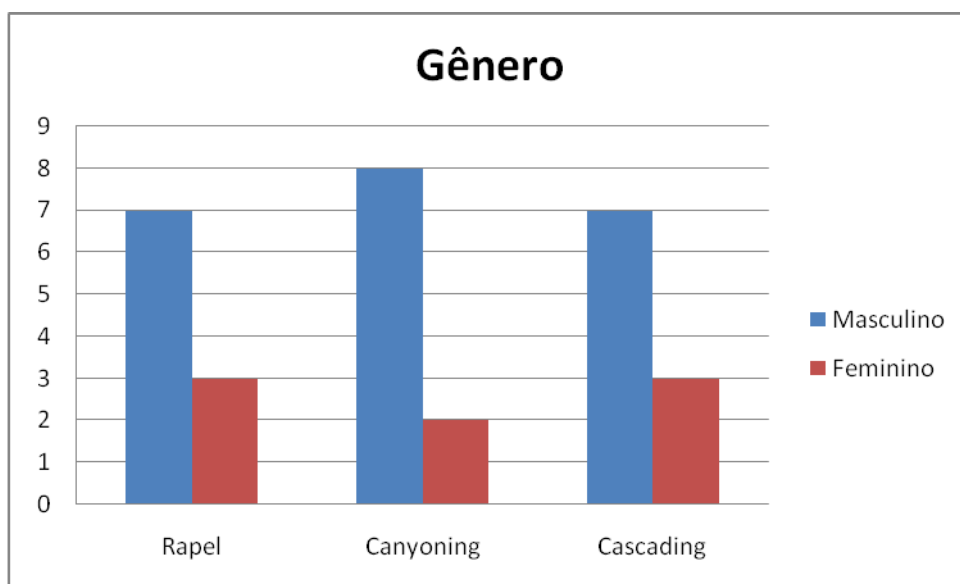


Figura 4: Representação do gênero entre as modalidades rapel, canyoning e cascading.

O questionário foi formado por 13 perguntas dissertativas cujas respostas serão analisadas nos itens a seguir.

1. Há quanto tempo você pratica esta atividade?

O tempo de prática variou entre 2 meses e 20 anos, com média de 4 anos e 8 meses, sendo que o *canyoning* apresentou a maior média de tempo de prática, com 6 anos e 6 meses e o *cascading* o menor tempo, com 3 anos e 1 mês. No *canyoning* foi encontrado o praticante com maior tempo de prática, completando 20 anos na atividade.

O resultado obtido pode demonstrar o tempo em que os praticantes permanecem na atividade, evidenciando grande poder de manutenção e uma baixa quantidade de novos praticantes, mesmo contando com as proporções que as AFAN vêm tomando nos últimos tempos. Pode ser um indício dos possíveis valores atribuídos às práticas e que, segundo as discussões sobre motivação nessas atividades, realizadas por Carnicelli Filho e Tahara (2009), podem levar à manutenção da atividade, e serão vistas mais a fundo na discussão da questão quatro.

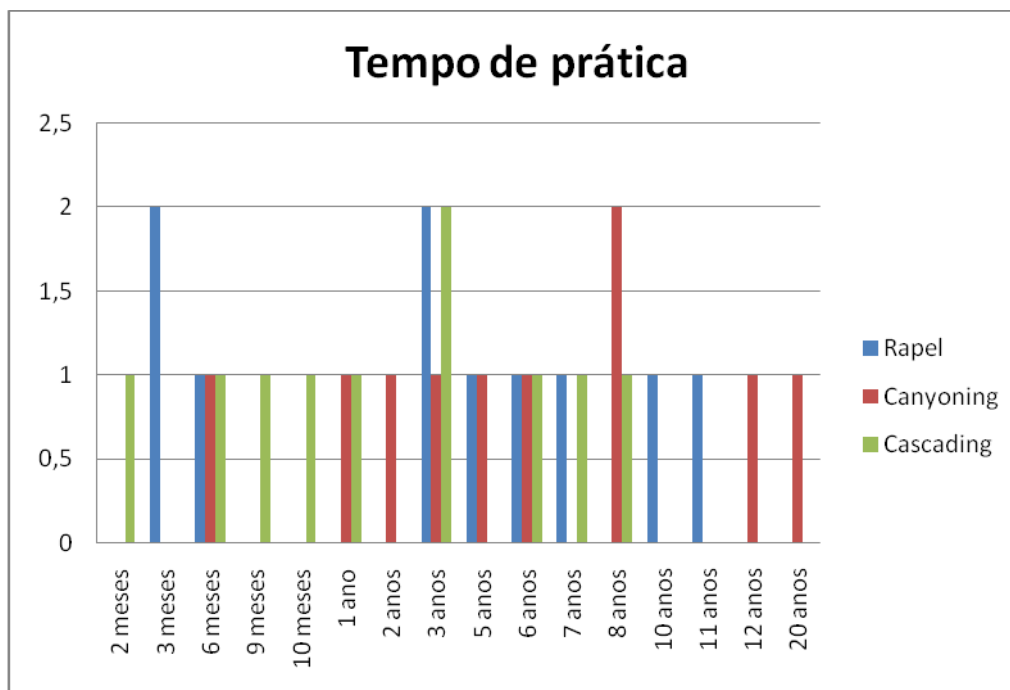


Figura 5: Relação do tempo de prática em casa atividade.

2. Com que frequência?

Apesar da frequência mínima proposta pelo estudo de 2 vezes mensais, houve uma pequena dificuldade em encontrar praticantes de *canyoning* que o realizassem com tal frequência. Dessa maneira, os dados encontrados variaram entre 1 vez mensal a duas vezes semanais, sendo que, no *rapel* e no *cascading*, 50% praticavam a atividade 2 vezes mensais e no *canyoning*, 50% praticavam a atividade 1 vez mensal.

Tal fato pode ser relacionado ao difícil acesso aos locais, para aqueles que possuem residência distante e necessitam dispor de mais tempo para o deslocamento de suas casas até os locais de prática do *canyoning*, o qual exige uma especificidade maior, por envolver o curso de um rio que contenha os obstáculos naturais para a realização da atividade. Tanto o *cascading* quanto o *rapel* possuem locais mais comumente encontrados.

Existem, ainda, outros fatores como as condições do clima e o volume dos rios, que podem influenciar em praticar ou não a atividade. Alguns dos aspectos relativos aos obstáculos enfrentados pelos praticantes, para freqüentar os locais de prática, podem ser encontrado na pesquisa de Lavoura, Schwartz e Machado (2007), a respeito da elitização e do aspecto mercantil que as atividades na natureza podem suscitar, envolvendo o deslocamento e a necessidade de equipamentos especiais. No entanto existe uma busca por sociabilização dessas práticas, o que, provavelmente, possa também ser um motivo forte para se estabelecer a frequência nessas atividades.

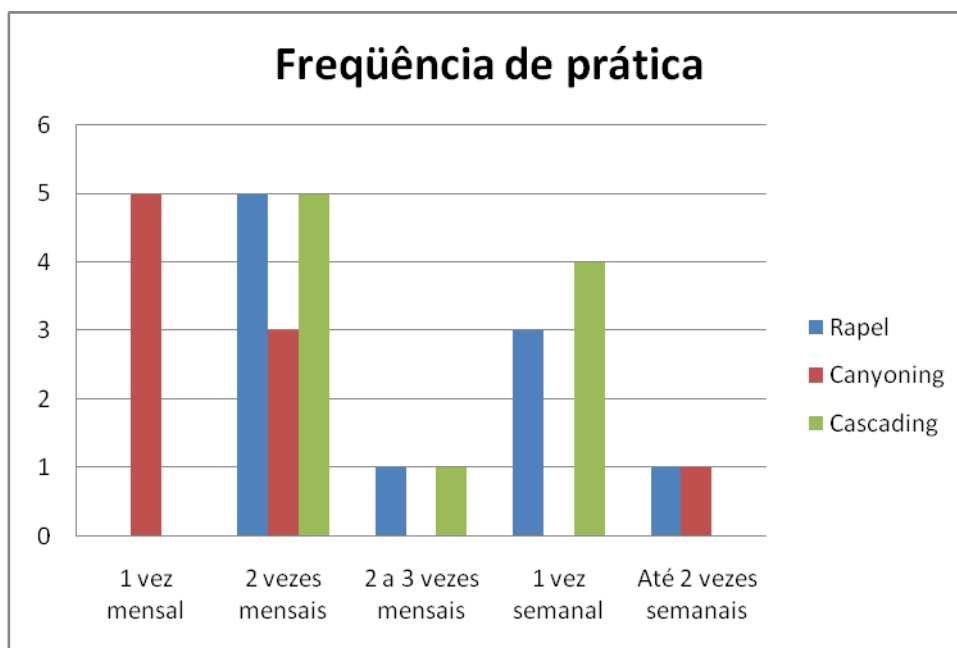


Figura 6: Relação da frequência de prática das modalidades rapel, canyoning e cascading.

3. Qual (is) o (s) principal (ais) motivo (s) que o levou (aram) a praticar esta AFAN?

Dentre os motivos mencionados pelos indivíduos, o contato com a natureza foi apresentado em 23% dos motivos citados, constituindo 30% dos indivíduos. Tem-se, ainda, a curiosidade e o desafio associado à aventura, que apresentaram 14% dos motivos cada um, representando 21% e 17% dos indivíduos respectivamente.

O fato de uma porcentagem mais elevada de indivíduos movidos pela natureza pode significar a sua grande importância para a atividade como um todo. No então, devido à proporção encontrada, significa que não é o único motivo que incentiva as pessoas a aderirem à atividade, mas que a adesão depende de diversos outros fatores, como a curiosidade e o desafio encontrado.

Autores como Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), comentam sobre os níveis de satisfação pessoal e de bem-estar que são decorrentes das atividades

providas em ambiente natural. Betrán (2003) evidenciou que as atividades de aventura na natureza proporcionam diferentes tipos de atrativos, unindo em uma atividade a natureza, a aventura, o turismo e o esporte.

Os amigos, a superação dos limites e o turismo assim como outros motivos citados e encontrados no quadro a seguir contribuíram para que os indivíduos viessem a se interessar pela atividade e, então, iniciar sua prática.

A superação do limite pode ser relacionada à necessidade de realização de um indivíduo, que segundo Isler (2002), é composta pela motivação para o sucesso e para evitar a derrota, unindo às chances de ser bem sucedido e os incentivos fornecidos para sua realização, que contribuem para a motivação de uma maneira geral.

O incentivo fornecido por amigos e familiares é considerado por Isler (2002) um fator de auxílio da motivação, visto que, em alguns casos, o incentivo pode levar o indivíduo a se aplicar mais à atividade, no entanto, caso seja interpretado como pressão, pode comprometer a eficácia.

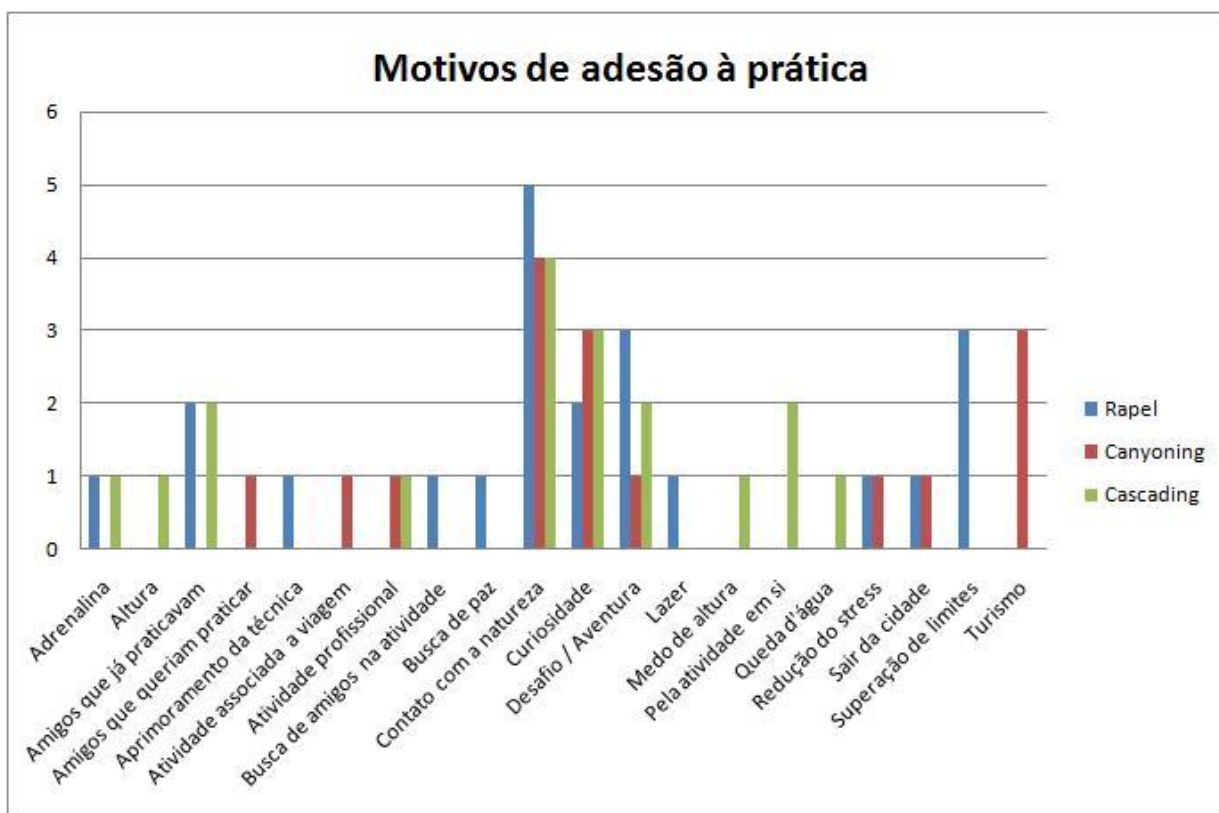


Figura 7: Relação dos motivos apresentados para a adesão à atividade proposta.

4. Qual (is) o (s) principal (ais) motivo (s) que o (a) faz (em) permanecer praticando esta AFAN?

Os motivos de permanência foram encontrados em grande variedade, sendo possível encontrar, assim como na questão três, a natureza como uma das respostas mais evidenciadas, representando 33% dos indivíduos participantes nas três modalidades.

Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), trazem as AFAN como oportunidades para assumir riscos controlados relativos às atividades lúdicas, permitindo experimentar a aventura e as novidades, consideradas aspectos inerentes a essas práticas. Esses mesmos autores ainda se referem à capacidade de instigar novas sensações e percepções, que são diferentes do cotidiano, avaliado como massificador e reprodutivo.

Os aspectos da aventura e do descobrimento de novos lugares foram encontrados como respostas em 13% dos indivíduos citando cada aspecto, o que demonstra as evidências encontradas por Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), sobre a associação entre as vivências lúdicas com a aventura, o ineditismo e a novidade, estes últimos sendo considerados pelos mesmos como inerentes às práticas junto à natureza.

A superação dos limites e a presença de amigos praticantes também se mostraram duas das respostas mais encontradas, significando 13% e 16% dos sujeitos, respectivamente. Estes dados realçam as pesquisas de Isler (2002) e Machado (2006), nas quais os autores demonstram a contribuição desses elementos para um bom desenvolvimento da tarefa e de sua persistência.

Outras respostas como o ar puro, relativas à natureza, à qualidade de vida e à liberdade também foram notadas e compuseram menos de 4% das réplicas, cada uma, as quais podem ser observadas na figura VIII. A relação da prática de atividades físicas e a qualidade de vida foram observadas por Tahara e Schwartz (2004), em que o segundo fator mais encontrado como determinante para permanência na atividade, no

estudo por eles desenvolvido, era a melhoria dos níveis qualitativos de existência humana.

Um dos motivos encontrados em 19% dos indivíduos foi a adrenalina, vista como um risco, que, no caso das AFAN, é considerado por Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) como controlado. Resultado semelhante também foi evidenciado como um dos motivos de procura pelas práticas na natureza por Quiroz (2002) e Carnicelli Filho e Tahara (2009), em seus estudos.

Outra consideração menos expressiva é o fato de que, para a realização das práticas é necessário sair da cidade, a qual foi citada por 7% das pessoas como um aspecto positivo na permanência em atividades na natureza. No entanto fazendo a alusão ao ambiente diferenciado, essa porcentagem seria acrescida em 6%.

A pesquisa realizada por Carnicelli Filho e Tahara (2009) evidencia a fuga da cidade como um dos fatores motivacionais na prática das AFAN, fazendo uma relação com o desejo de fuga do cotidiano urbano, buscando melhoria na qualidade de vida, essa última encontrada em 1% das respostas. Respostas semelhantes à qualidade de vida foram vistas, como a necessidade de relaxamento físico e mental (3% das respostas), a tranquilidade (1% das respostas) e a melhora do ânimo (3% das respostas).

A procura pela qualidade de vida é também evidenciada por Nazari e Silva (2007), especificamente com a modalidade do *canyoning*. Além desses autores, essa relação entre as AFAN e a qualidade de vida foi apontada por Tahara, Schwartz e Silva (2003).

O componente lúdico também pode ser notado entre as respostas, se comparado à diversão (3% das respostas), assim como citado por Bruhns (1997); Tahara, Dias e Schwartz (2006) e Brasil (2006). Esse último autor citado apresenta a liberdade como sendo também um dos fatores presentes nas atividades na natureza e que será mais bem evidenciada na discussão da questão nove.

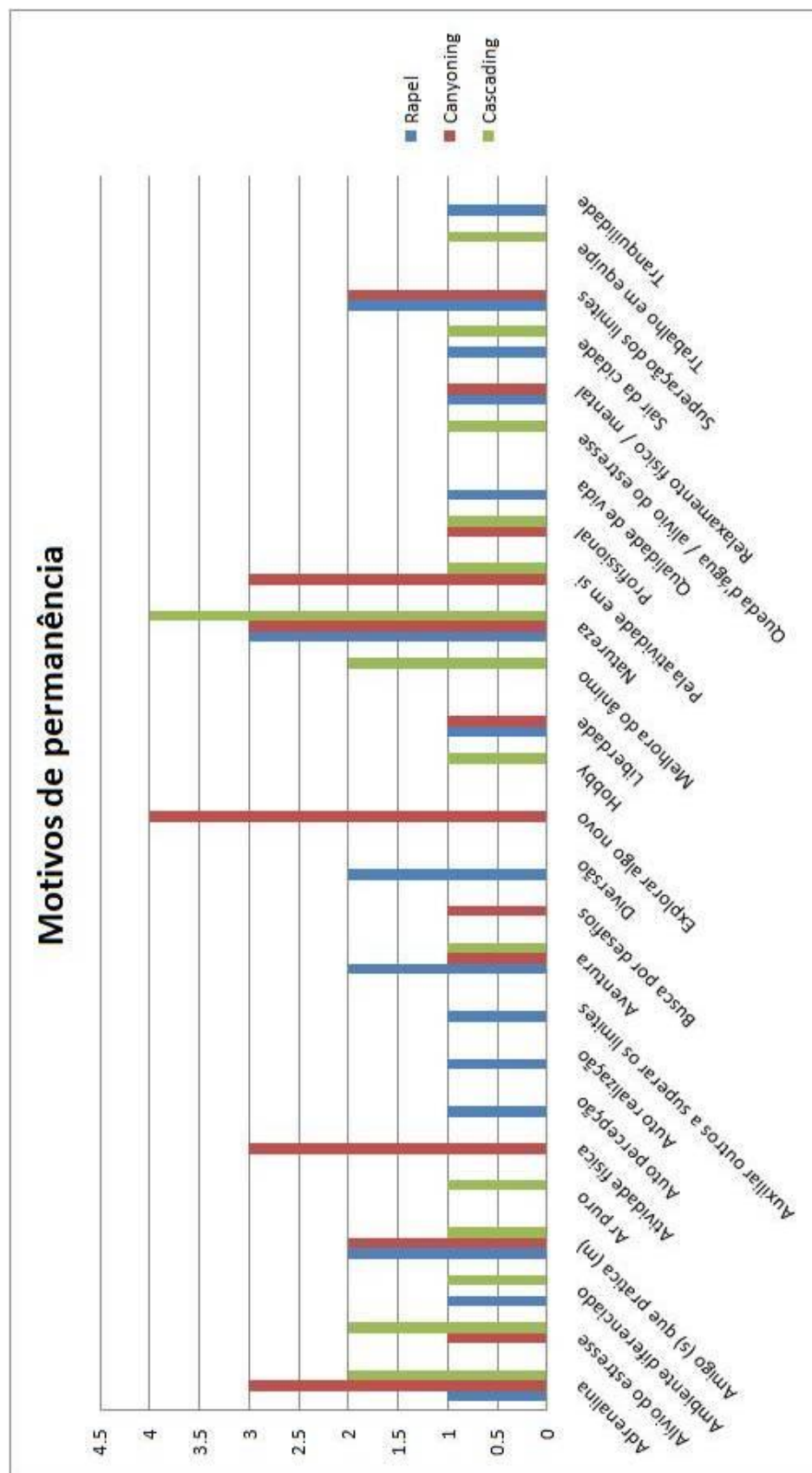


Figura 8: Relação de motivos associados à permanência nas AFAN.

5. A amizade é um dos motivos pelo qual você continua a praticar essas atividades? (☐)Sim (☐)Não

Quando questionados, 87% dos indivíduos disseram que a amizade é um dos fatores que os motiva a continuar praticando uma das três modalidades propostas. Este resultado mostra um indício de que a amizade pode ser um forte fator motivacional.

A busca por amizades que tenham ideais semelhantes relativos à natureza, à prática das AFAN e a consciência com a preservação da natureza, da mesma maneira que interesses diversos, como as atividades em si, as quais parecem ampliar as possibilidades de permanência nas atividades. Este dado corrobora o pensamento de Lacruz e Perich (2000) que elucidam o fato da interação social aparecer muito facilmente como valor real das práticas físicas no ambiente natural, em grupos que buscam a aventura como interesse comum, manifestando a sociabilidade e coletividade.

Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) evidenciaram a presença do conhecimento de novas pessoas como um dos fatores que identificam os indivíduos à prática. Em outros estudos, Carnicelli Filho e Tahara (2009) puderam observar em algumas pessoas, o interesse em encontrar novas pessoas, que tenham interesses semelhantes e talvez possam se juntar ao seu grupo na atividade. Os mesmos autores ainda relacionam a necessidade de aumentar os níveis de segurança dos indivíduos, diminuindo os riscos de acidentes por meio do aumento o contato e o favorecimento no processo de integração, desenvolvendo entre os participantes um espírito de solidariedade e cooperação.

Esse dado pode confirmar a idéia de que a amizade faz parte do âmbito em que se enquadram as atividades de aventura na natureza, proporcionando uma forte união de antigas amizades e o cultivo de novas.

6. Você identificou alguma modificação em si, depois que iniciou a prática desta AFAN? () Sim () Não Se sim, quais foram?

Entre as respostas encontradas 90% assinalaram que haviam identificado alguma modificação neles próprios. Dentre as respostas encontram-se a melhoria no trabalho em equipe como mais freqüente e responsável por 11% das mudanças citadas.

A atividade física é inerente às AFAN, sendo assim alguns indivíduos buscam o movimento corporal como um dos atrativos da prática. Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) evidenciaram que os indivíduos notaram diferenças na percepção corporal, como aumento no nível de força muscular e condicionamento, além do emagrecimento e melhora na estética corporal. Carnicelli Filho e Tahara (2009) também observam em seus indivíduos a estética como um dos atrativos.

O espírito de equipe foi observado por Carnicelli Filho e Tahara (2009), como uma das mudanças psicológicas notadas entre os participantes de atividades físicas de aventura na natureza.

Foram encontradas, ainda, outras respostas, como a diminuição do estresse, aumento do gosto pela natureza, melhoria na condição física e aumento da coragem que representaram 7% cada uma.

A melhoria na condição física pode se relacionar à busca por movimento corporal, como já citado anteriormente. Já a relação do homem com a natureza vem ganhando maior reconhecimento e interesse. Esse fato ocorre segundo Tahara, Dias e Schwartz (2006), devido ao avanço rápido e desenfreado das áreas urbanas. Dessa maneira, haveria uma re-descoberta da natureza pelo homem e o estabelecimento de uma nova relação entre o ser humano e o meio natural.

O aumento da coragem pode ser observado em outros estudos envolvendo as práticas físicas em ambientes naturais, como evidenciados por Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) e Carnicelli Filho e Tahara (2009).

O resultado pode inferir que as AFAN, de um modo geral, podem levar a transformações na maneira de relacionamento das pessoas, da mesma forma com a qual elas encaram determinados aspectos da natureza e aspectos relativos ao próprio ser, beneficiando o trabalho em equipe, os relacionamentos pessoais, a qualidade de vida e as relações com a natureza. Esses dados podem ser visto nas figuras IX e X.

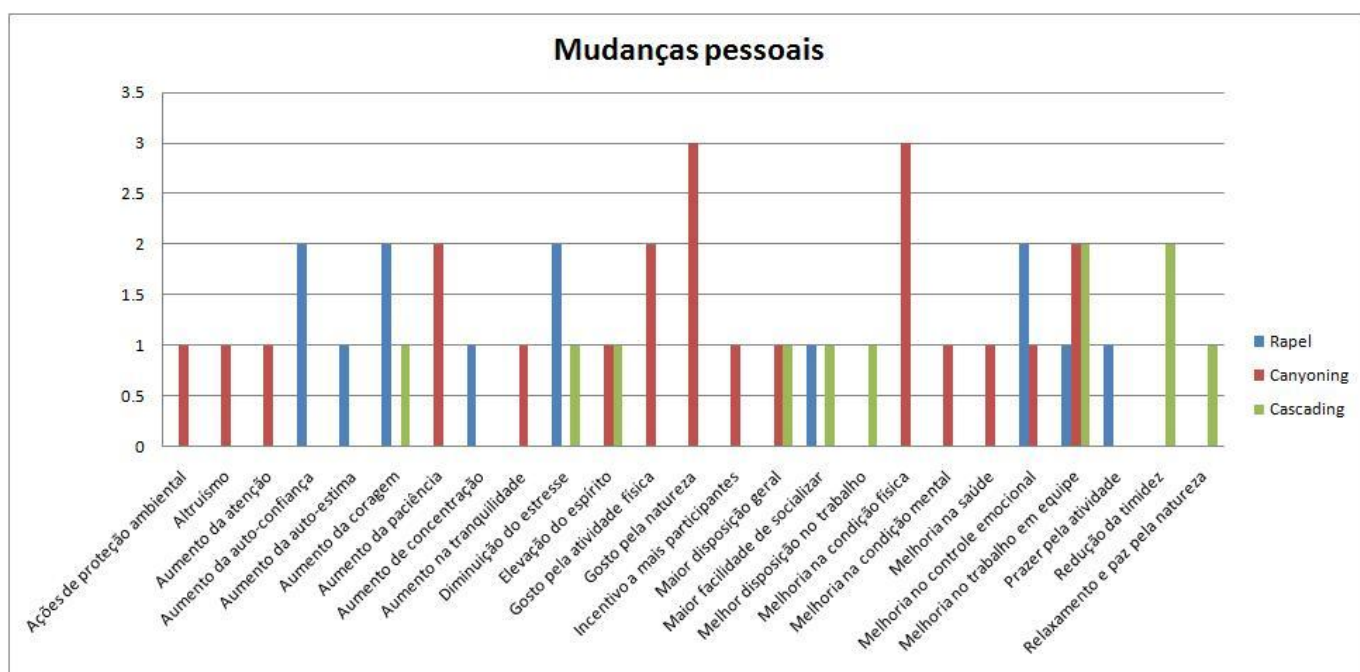


Figura 9: Relação das mudanças pessoais notadas pelos indivíduos por influência da prática, em função da modalidade.

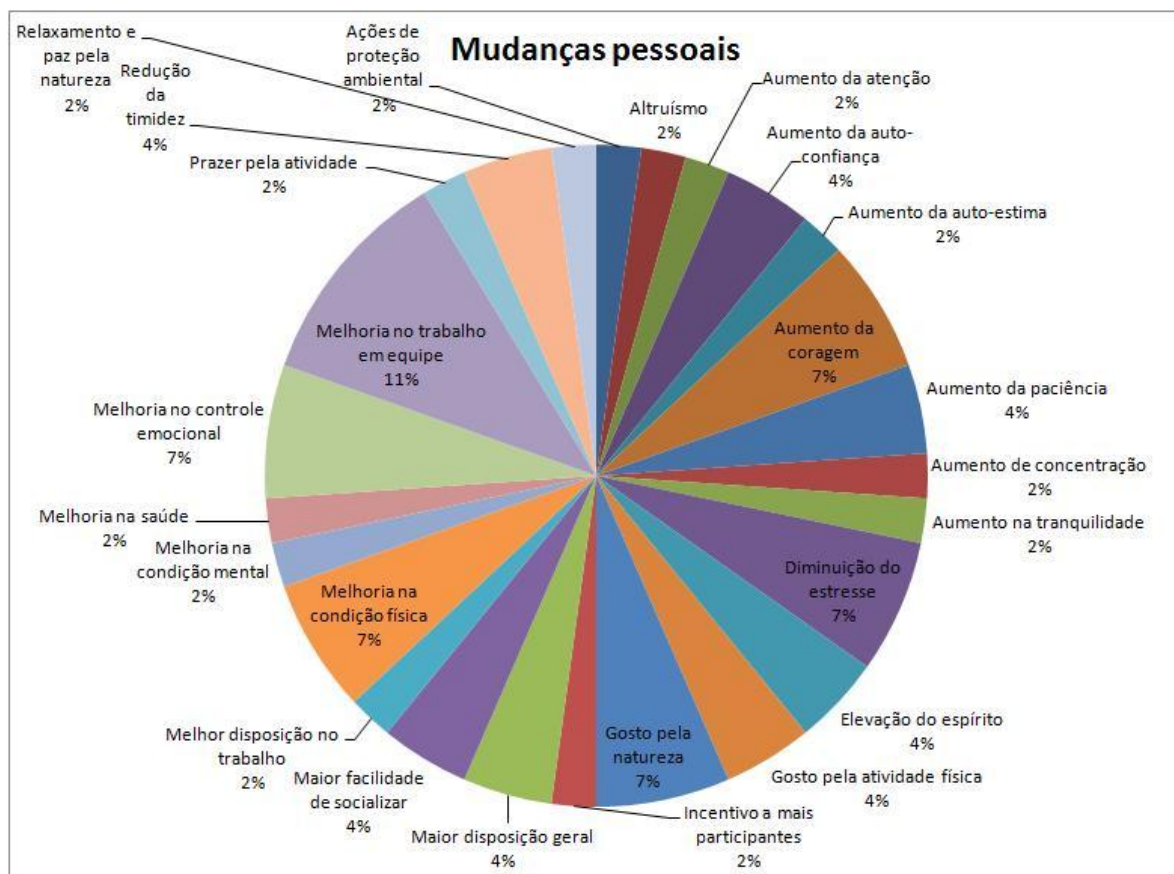


Figura 10: Relação das mudanças pessoais notadas pelos indivíduos por influência da prática, em função da concentração pelas três modalidades.

7. Houve alguma melhoria na sua condição física com esta prática?

() Sim () Não

Se sim, em que aspecto(s)?

Uma parcela significativa dos sujeitos apontou resposta positiva a essa pergunta, somando 87% e entre os aspectos apresentados o condicionamento e resistência foram mais observados, formando 52% das respostas.

Em alguns dos casos como é possível observar no *canyoning*, a melhoria do condicionamento físico é atribuída pelos próprios praticantes ao fato de terem grandes

caminhadas a realizar, assim como, é possível se assemelhar a alguns dos participantes da modalidade *rapel* e *cascading*, no entanto, em menor frequência.

A ocorrência de terem sido notadas diferenças na condição física dos participantes com a prática das atividades também foi evidenciada por Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) e Carnicelli Filho e Tahara (2009), o que demonstra que a atividade física é inerente a AFAN, assim como já visto na discussão da questão anterior.

Houve outras melhorias citadas, como aumento da força, equilíbrio e postura, apresentadas na figura onze, e que seguem a mesma linha discutida no item anterior, na qual aparecem melhorias na condição física, como observadas por Carnicelli Filho e Tahara (2009).

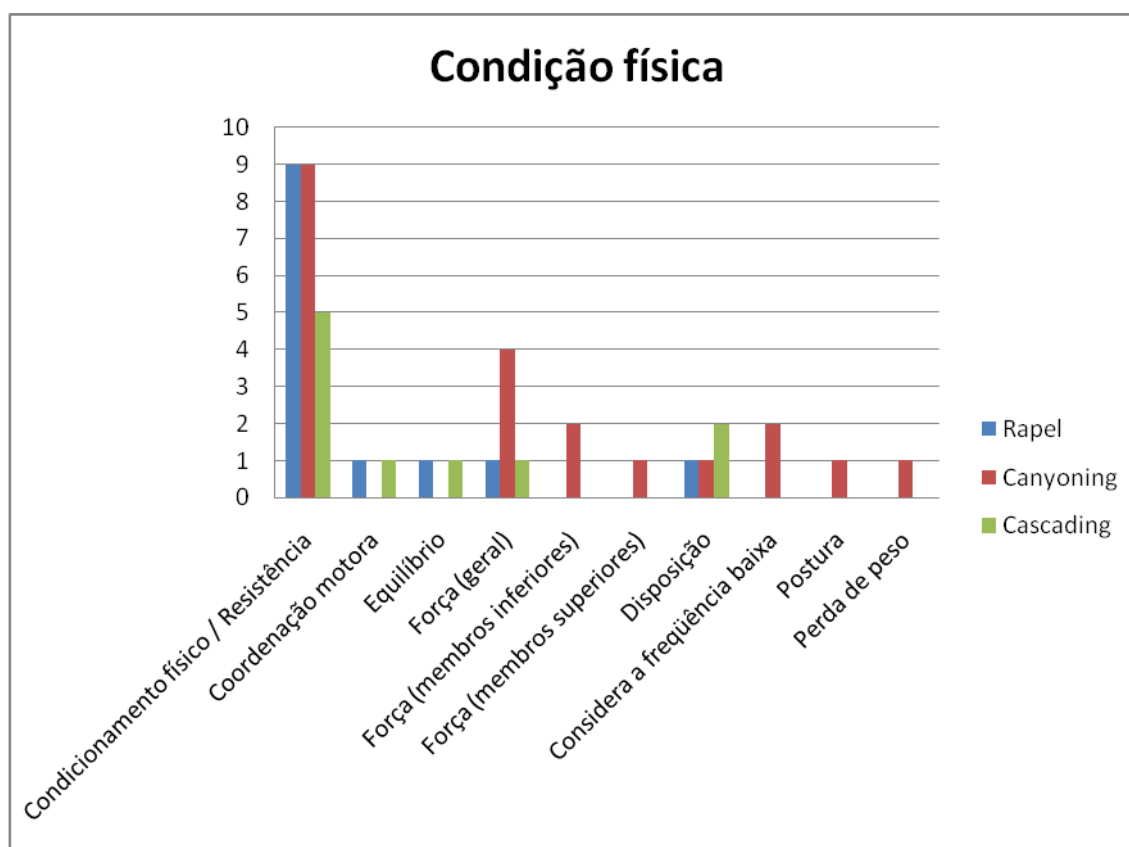


Figura 11: Relação da melhoria na condição física notada com a prática.

8. Você encontrou dificuldades para praticar esta atividade?

(☐) Sim (☐) Não Se sim, quais foram?

Entre os participantes, 67% relatam que não tiveram dificuldades para praticar as atividades do proposto, nos 33% que expõem alguma, estas estão relacionadas à superação do medo de altura e distância do local de prática, ambos com presença em 33% das razões apresentadas. Foram encontradas, ainda, a questão financeira e a falta de companhias conhecidas para acompanhar na atividade como problemas.

Este dado não confirma o motivo da dificuldade em atender o número mínimo da frequência em que os participantes praticavam a atividade respectiva, encontrada com os praticantes de *canyoning*, que deveria ser de duas vezes mensais segundo o proposto pela pesquisa, mas dá indícios de que os fatores relatados podem estar associados a tal dificuldade.

O risco é um fator inerente as AFAN, o qual, para Costa e Tubino (1999) é calculado e constante, promovendo sensações intensas ao enfrentar as alturas e simbolicamente a morte. O medo de altura, apesar de ter se mostrado um fator de dificuldade para os praticantes, não os impediu de permanecer na atividade. Segundo os mesmos autores, enfrentar o risco de perder a vida nessas dificuldades pode dar força e uma valorização pessoal, especialmente quanto se está nas alturas.

Marinho (1999) evidencia o sentimento de atração das pessoas pelo entretenimento, pela aventura e por emoções. Isto, na visão da autora, é o que justifica a busca pelas atividades de aventura como práticas criativas e inovadora manifestação do lazer.

Também é possível encontrar o obstáculo oferecido pela distância e questões financeiras em relação aos locais de prática e equipamentos necessários em alguns estudos como o de Lavoura, Schwartz e Machado (2007). Os autores salientam no projeto “Canoagem popular”, as questões relativas ao elitismo e mercantilismo associados à prática, em que são procuradas soluções para uma democratização das AFAN.

Esses obstáculos, à primeira vista, poderiam ser considerados problemas que impediriam os praticantes de permanecer nas atividades, no entanto, em nenhum dos casos estes foram observados como fatores decisivos da desistência. Em alguns casos, ao contrário, estes obstáculos acabaram se mostrando uma condição incentivadora, à medida que os indivíduos puderam vencer tais barreiras e se mantiveram nas AFAN.

9. Para você, o que representa poder praticar essa(s) atividade(s)?

A liberdade foi a resposta mais encontrada entre os participantes, com presença de 23%; a segunda resposta mais encontrada foi o contato com a natureza, que apareceu em 22% das réplicas. Estes dados indicam que os indivíduos buscam nas AFAN, tanto a liberdade de uma vida regrada, no contexto das grandes cidades, ou da pressão diária inerente as suas atividades perante a sociedade, como também, procuram o contato com a natureza como forma dessa liberdade.

A liberdade é encontrada como uma das alterações percebidas por praticantes de atividades físicas na natureza evidenciada por Carnicelli Filho e Tahara (2009). A coragem na superação de desafios e a melhora na auto-estima são associadas pelos mesmos autores como decorrência dessa liberdade.

A questão do contato com a natureza torna a aparecer nas respostas positivas pertinentes as AFAN, que, vista em discussões anteriores, mostra-se um fator de motivação muito presente nessas atividades, assim como visto por Marinho (1999).

Outra representação das AFAN pode ser vista em menor escala, como a superação dos limites e do medo, os quais, como analisado por Costa e Tubino (1999), são decorrentes do risco calculado e inerente a essas práticas. Porém, sua superação agrega valores importantes aos indivíduos e significativos a sua manutenção.

O prazer, o hobby, a alegria e a diversão aparecem como algumas das respostas e consistem em um componente lúdico que, segundo Marinho (1999), acompanha a atividade no seu aspecto de entretenimento e lazer.

O relacionamento pessoal, como a amizade, aparece entre as representações das práticas para os indivíduos, relação que foi mais bem identificada na questão cinco.

Outros motivos, como a questão da adrenalina, relativa ao risco inerente à atividade, discutida por Costa e Tubino (1999) simbolizando um dos fatores de atração das AFAN, além da quebra da rotina, observada como a razão mais apresentada à adesão nessas atividades por Carnicelli Filho e Tahara (2009), também foram encontradas, mas em menor quantidade.

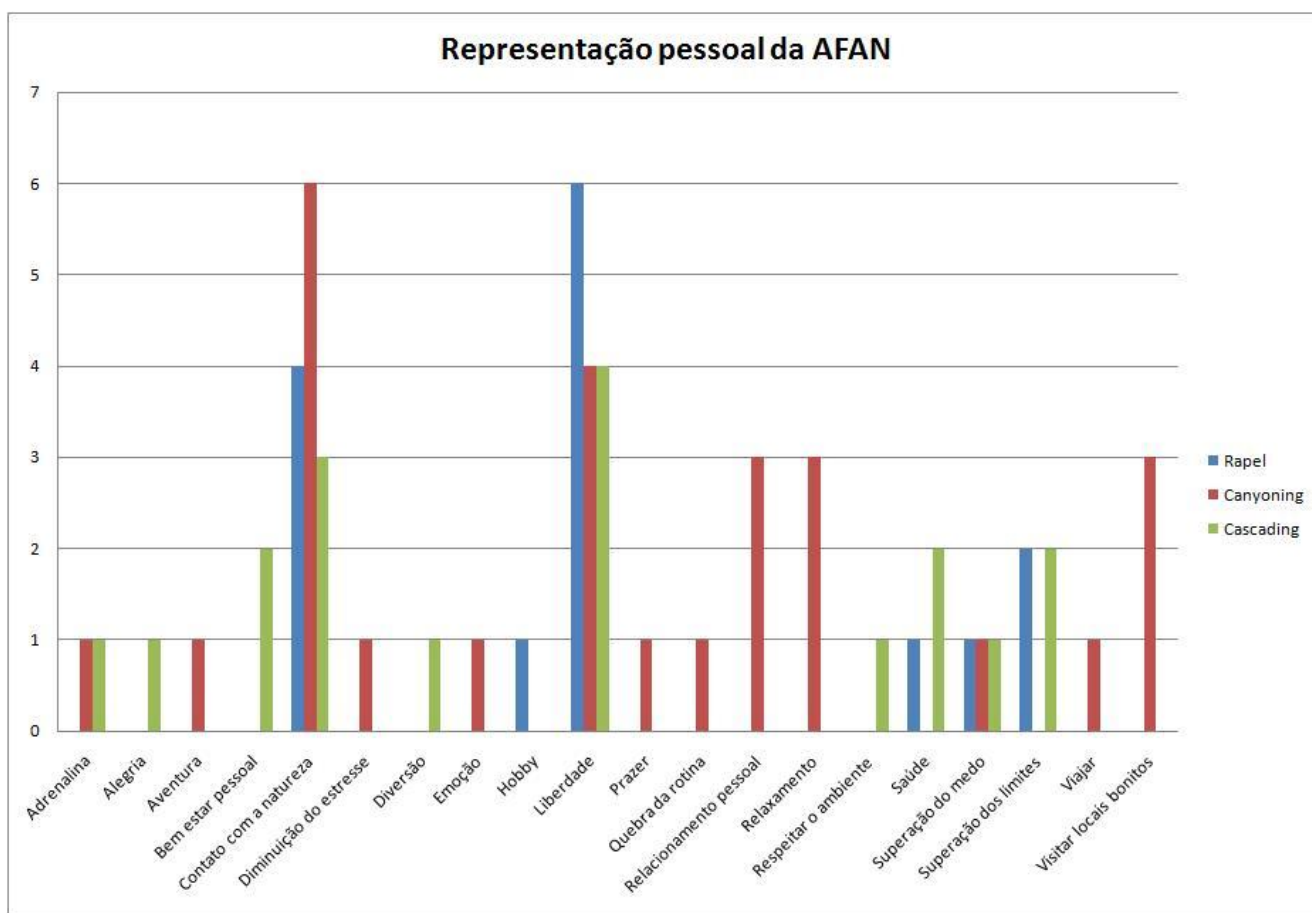


Figura 12: Relação da representação da AFAN para cada indivíduo.

10.O ambiente em que são vivenciadas essas AFAN interfere na manutenção desta prática? Explique.

Entre as respostas houve 62% concordando que a o ambiente interfere de maneira positiva na manutenção das AFAN e, entre as influências positivas houve a citação da natureza, presente em 39% das respostas, considerada um fator essencial e que proporciona um ambiente ideal para a prática. Outro fator que representou 18% das respostas e pode ser associado à natureza é a questão da mudança da atmosfera, saindo do cenário dos arranha-céus e grandes avenidas altamente povoadas, para o ambiente natural, afastado-se dos grandes centros urbanos.

A mudança do ambiente urbanizado para a natureza é uma condição que ganha mais espaço nas pesquisas e na perspectiva dos cidadãos a cada dia. Autores como Bruhns (1997), Marinho (1999), Teruya (2000) e Tahara, Dias e Schwartz (2006) discutem as necessidades encontradas pelo ser humano em procurar a integração com o meio natural, decorrente do crescimento acelerado, desorganizado e desenfreado das cidades e que poderia explicar a grande quantidade de respostas positivas à influência da natureza na prática dessas atividades.

A preservação da natureza e o benefício que o ambiente proporciona às AFAN também foram levantados como fatores positivos. Dentre as respostas encontradas, 20% disseram que o ambiente tem sua interferência sobre a permanência nas atividades, no entanto, com características negativas, entre elas, a distância para se praticar uma atividade foi encontrada em 38% das atribuições negativas. No caso do *canyoning*, um dos itens citados como fator limitador é a questão da hospedagem, que atingiu 31% no total entre todas as modalidades.

Esses dados mostram que a distância e a hospedagem podem ser fatores limitadores da prática, mas que, no entanto, no caso dos indivíduos participantes, não foi um obstáculo intransponível, apenas dificultou o acesso.

Lavoura, Schwartz e Machado (2007) mostram que problemas relacionados à questão de deslocamento e a dificuldade de acessos por questões monetárias existem,

mas, assim como Betrán (2003), evidenciam que a diferença motivacional se encontra, justamente, na mudança de localiza  o entre o ambiente urbano e os locais naturais de prática.

Dentre as respostas apresentadas, houve a preocupa  o com preserva  o da natureza, representando 13% dos participantes, em que as pessoas associam a prática das AFAN a uma melhoria na conscientiza  o dos cidadãos em rela  o às boas práticas naturais. Esse dado corrobora os estudos de Schwartz (2001, 2002), a qual acredita que, na manifesta  o positiva do lazer, ao se favorecer experiências marcantes e significativas por meio da atividade de aventura na natureza, possa se desenvolver o comportamento pró-ambiental.

A sensa  o de liberdade também foi observada nesse questionamento, aparecendo em menor expressão. Porém, visto que surgiu em destaque na questão nove, serve como reforço ao fato de que sua percep  o    um motivo adicional às práticas físicas na natureza.

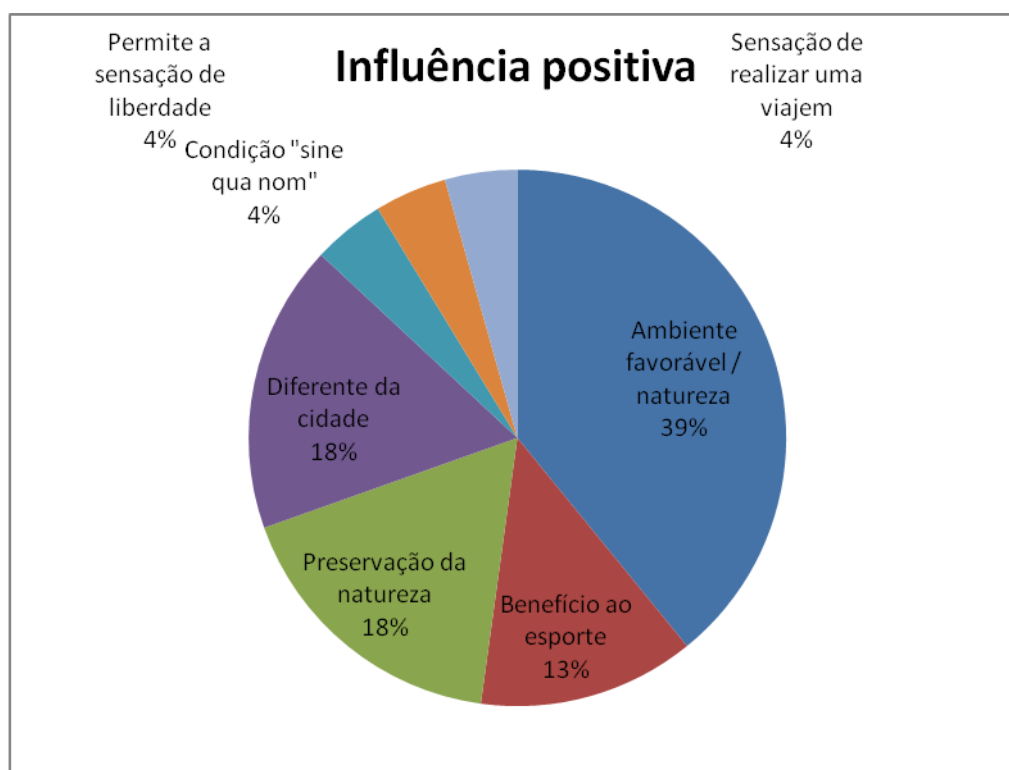


Figura 13: Representa  o das influências positivas da natureza sobre a prática.

Existe, ainda, uma parcela dos indivíduos que expressou uma relação negativa com a prática na natureza, mas que não se referenciaram, em sua totalidade, à convivência com a mesma. Essa visão negativa foi relativa à distância, à hospedagem e custo, somando 36% das respostas encontradas.

Ainda assim, algumas das pessoas que citaram fatores negativos ligados à natureza também evidenciaram implicações positivas à mesma, vistas na figura XIII e discutidas anteriormente.

Dentre as respostas negativas, houve aquelas que relacionavam o gosto pela natureza como a opção pessoal de cada indivíduo, não que as mesmas vissem para si como problemas, mas sim, para pessoas cujo gosto não se enquadrava a esses locais.

Os assuntos incluídos como negativos, relacionados à distância e hospedagem, foram mais citados por praticantes de *canyoning*, talvez porque exista uma exigência de tempo maior para realização dessas atividades e, dessa maneira, a necessidade de pernoite no local ou viagens em período noturno, o foi mais bem representada na questão oito. Isso mostra que esses problemas existem, no entanto, há uma procura por melhorias na democratização e facilitação a essas atividades como mostrado por Lavoura, Schwartz e Machado (2007).

11. Você vivenciou processos emocionais positivos e/ou negativos durante esta prática?

() Sim, Só Positivos () Sim, Só Negativos () Sim, Ambos () Não

Se sim, quais foram?

Obteve-se como resultado 55% dos participantes que relataram ter vivenciado apenas processos emocionais positivos, sendo a principal resposta a auto-superação, com 23% dos processos apresentados, simbolizando 27% dos indivíduos.

Uma das respostas encontradas foi a confiança que é percebida pelos sujeitos como algo positivo, visto que a prática pode ocorrer com pessoas com as quais não houve contato anterior e, no decorrer da atividade, existe uma necessidade de colaboração entre os praticantes, sendo que, muitas vezes, existe uma relação de dependência no caso da segurança individual e do grupo.

A auto-superação é apresentada como evento positivo pertinente à atividade, essa mesma resposta esteve presente no estudo de Carnicelli Filho e Tahara (2009), evidenciando o desafio pessoal imposto pelo meio ambiente natural, como um dos motivos de aderência à prática. A idéia de Costa e Tubino (1999) pode colaborar para esse ponto, pensando na superação dos obstáculos naturais por cada indivíduo, que promove um valor pessoal em sua conquista.

A confiança é vista como o segundo processo positivo mais observado pelos sujeitos. Essa questão também é referenciada por Carnicelli Filho e Tahara (2009) como um dos fatores que promove a união entre indivíduos, da mesma maneira que Lacruz e Perich (2000).

Podem-se encontrar novamente fatores lúdicos, como a alegria e a felicidade, em menor número, mas que já foram citados em discussões de questões anteriores e reforça a presença desse fator como parte positiva da prática na natureza.

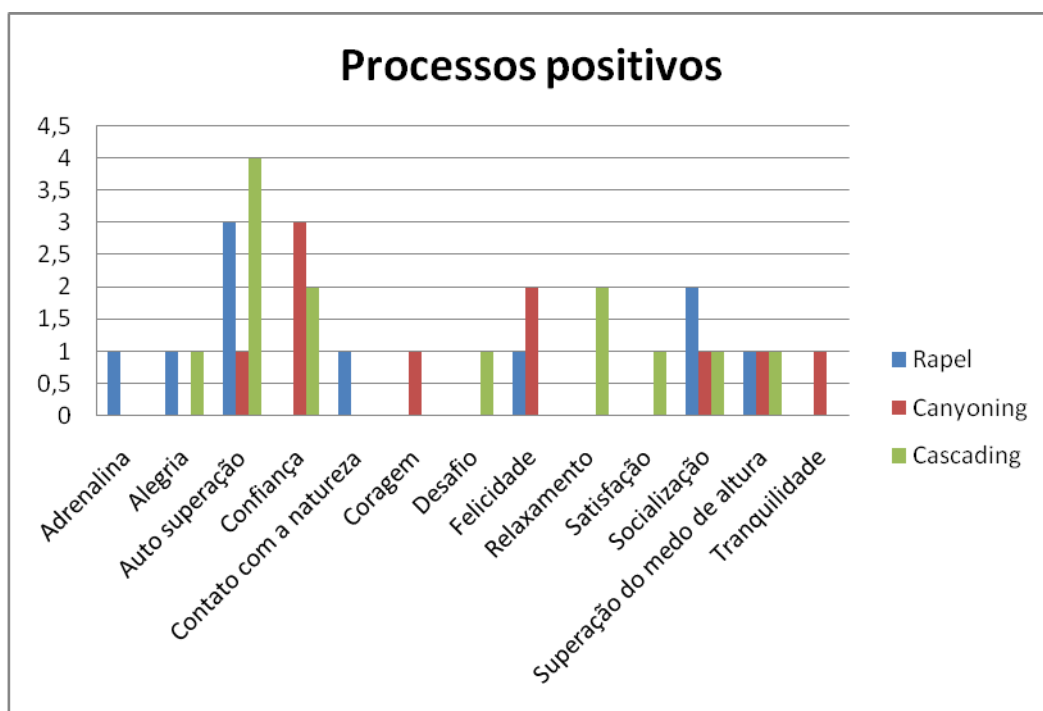


Figura 14: Representação dos processos emocionais positivos observados pelos praticantes das três modalidades.

A respeito das emoções questionadas, 41% dos sujeitos expuseram ter vivenciado ambos os processos, positivos e negativos, surgindo como negativo, principalmente os acidentes ou quase acidentes que representam 43% dos processos analisados, aparecendo como segundo mais freqüente a observação de praticantes despreparados e imprudentes realizando atividades de alto risco somando 36% dos processos.

Mesmo com a presença dos aspectos negativos não houve qualquer relação de nenhum dos participantes com a desistência das atividades, o que poderia demonstrar uma consciência por parte dos praticantes em relação ao método correto, na questão de segurança e preparo para exercitar tais atividades.

Não houve participantes relatando apenas processos emocionais negativos, e que pode significar a superação em gênero e número dos positivos sobre os negativos.

Os processos negativos tiveram uma relação com o fato de que o risco é inerente as AFAN. O tema do risco, considerado calculado por Betrán (2003) e Costa e

Tubino (1999), pode assumir, segundo os últimos autores, um valor positivo, quando encarado como um desafio saudável a ser superado. No caso relatado por alguns dos indivíduos nessa questão, é encarado como uma emoção negativa, ao se depararem com situações de risco, sem que os envolvidos tenham controle e conhecimento sobre a situação.

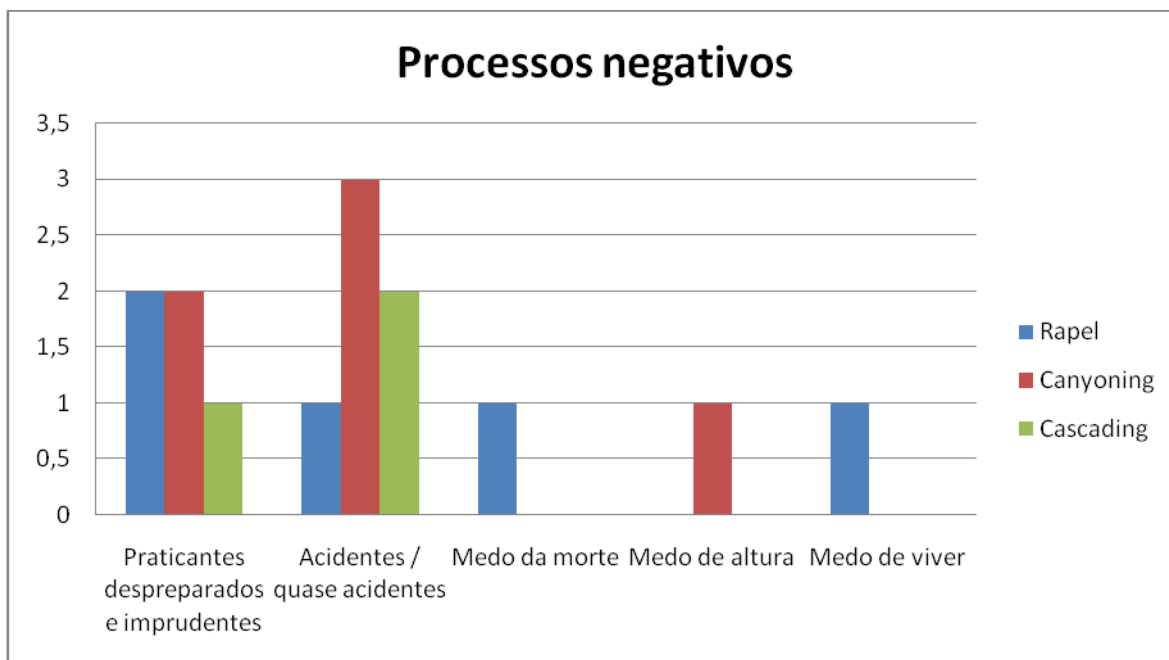


Figura 15: Representação dos processos emocionais negativos observados pelos praticantes das três modalidades.

12. Como você lida com as emoções positivas e/ou negativas vivenciadas nesta AFAN?

Em meio aos participantes, houve aqueles que disseram que essas emoções representam experiência que é levada para suas vidas pessoais, representando 58% das respostas e os 42% restantes lidam com as emoções de maneira a aproveitá-las

durante a prática, sejam elas positivas ou negativas, levando da atividade apenas as sensações como experiências daquele momento específico.

Aproveitar as emoções e sensações por si, sem que haja interpretações, pode estar ligado ao fator lúdico da atividade, que, segundo Tahara, Dias e Schwartz (2006) está presente nas AFAN, como o lazer e a participação humana na natureza. Já o aproveitamento das experiências, sejam elas negativas ou positivas, levadas para a vida, podem ser elucidadas pelo fato de se associar situações do cotidiano com as vivenciadas na prática.

Situações como o trabalho em grupo em que existe uma responsabilidade grande entre os participantes com relação à segurança individual e de cada um dos companheiros foram verificadas por Carnicelli Filho e Tahara (2009) a este respeito. Além disto, as experiências obtidas nessas práticas podem ser transferidas para a conscientização de preservação do ambiente, no caso de transferências positivas, como sugerido por Schwartz (2001, 2002). Existem, ainda, as evidenciadas na prática, como o trabalho em grupo e a cooperação entre os indivíduos, também notadas por Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) e Carnicelli Filho e Tahara (2009).

13.O que poderia fazer você desistir de se manter nesta prática?

O motivo mais freqüente entre os indivíduos foi a existência de problemas físicos, associados à desistência da prática das atividades em questão, representando 31% das respostas, tendo, em segundo lugar, as doenças, como motivo para desistência.

O resultado poderia induzir à idéia de que, para as atividades relacionadas, não existiria a possibilidade de realizá-las, caso a condição física não esteja em boas condições, visto que, algumas respostas incluíam fatores relacionados à desistência, caso a restrição física realmente fosse um impedisse a execução da tarefa.

Pertinente a isso, tem-se as doenças, encontradas como a segunda causa mais citada como algo que pudesse impedir a participação em tais atividades. Isto leva a crer que existe uma grande associação da atividade física de aventura na natureza com as características físicas do indivíduo.

O caso de relacionar os problemas físicos adquiridos à impossibilidade de participação nas atividades pode residir no fato de que existem, segundo Capuano (2000), incontáveis e exaustivos esforços físicos aos quais o praticante deve se submeter para que possa superar os obstáculos e atingir os objetivos da prática.

Os problemas financeiros também foram acusados como fatores de desistência das AFAN. Tais problemas foram apresentados em todos os questionamentos que envolviam posicionamentos negativos. Como apresentado por Lavoura, Schwartz e Machado (2007), os problemas monetários podem se tornar impedimentos para a prática de atividades na natureza, principalmente para as camadas menos providas desses recursos, mas, existe um movimento que procura melhorar essas relações, procurando permitir acesso facilitado a essas práticas.

Existiram, ainda, alguns indivíduos que não encontraram motivos que os fizessem parar a prática, o que pode ser visualizado na figura XVI.

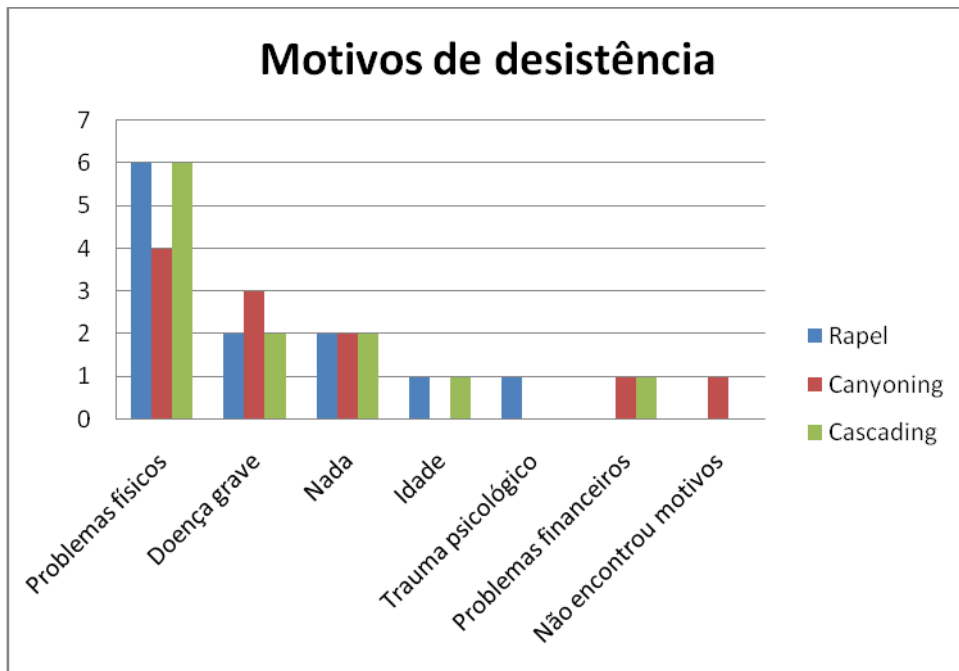


Figura 16: Relação dos motivos de desistência do *rappel*, *canyoning* e *cascading*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa visou identificar os motivos que levam os indivíduos a permanecerem praticando uma modalidade de AFAN, sendo que, entre as diversas modalidades foram selecionadas o *rapel*, o *cascading* e o *canyoning*. Tais modalidades envolvem basicamente descidas por corda em locais naturais, como cachoeiras e grandes paredes, exceto pelo *canyoning* que, além das descidas por corda, pode haver subidas e o acompanhamento de uma série de obstáculos naturais pelo percurso de um rio.

Pode-se notar que a motivação para estas práticas é composta por alguns fatores específicos, que contribuíram para a adesão e permanência dos praticantes nas atividades. Os motivos diferem de indivíduo para indivíduo, sendo que uma mesma atividade pode agradar uma pessoa, mas não a outra. Um dos agentes considerados de incentivo a essas práticas foi a natureza, inerente a diversos tipos de atividades físicas de aventura.

As vivências realizadas no meio natural desencadeiam algumas sensações como a liberdade, a aventura, o risco e sua superação. Tais impressões são parte do conjunto de fatores que podem servir como fator motivador à permanência nas mesmas.

Notou-se que os praticantes possuem, em sua maioria, estudo em nível superior. Com base nesse aspecto, pode-se inferir que ainda existe certa condição do elitismo nas vivências de aventura na natureza. Este aspecto representa um desafio, no sentido de se buscar melhores condições de acesso a essas atividades, democratizando-as. O exclusivismo pode ser associado também às dificuldades encontradas pelos indivíduos para a prática dessas atividades, como a distância e a necessidade de hospedagem, elementos que foram apontados em menor quantidade.

Os motivos mais frequentes para a permanência nas atividades foram o ambiente natural, a questão da vivência da aventura, a possibilidade de superação dos limites e a ampliação das relações interpessoais. A prática das atividades propostas em contato com a natureza mostrou promover, além de melhorias na condição física, a perspectiva de aumento dos relacionamentos entre praticantes, como um fator bastante

positivo dessas atividades. Foi possível encontrar ainda as relações de confiança entre participantes, com uma visão melhorada para o trabalho em grupo, tanto dentro da prática, quanto no cotidiano, como aspectos de incentivo a esse tipo de prática.

A liberdade é uma das sensações associadas às práticas de aventura na natureza e juntamente com esse quesito referente ao ambiente natural e outros motivos citados, formam o atrativo e o diferencial criado pelas AFAN, que estimula cada vez mais a sua procura por praticantes. Torna-se premente que novos estudos sejam promovidos sobre estas atividades, no sentido de se perceber todas as nuances a que os praticantes das AFAN estão envolvidos.

REFERÊNCIAS

ABDALAD, L.S. **A participação feminina nos esportes de aventura e risco**: um voo no universo do desafio e da incerteza. 2001. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

ANGELINI, A.L. **Motivação Humana**: o motivo da realização. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.

BRASIL, F.K. **Ser humano e natureza**: um olhar da educação física a partir de surfistas e pescadores artesanais. 2006. 157p. Dissertação. (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BANDURA, A. **Social Learning Theory**. New Jersey: Prentice Hall, 1977.

BANDURA, A. **Social Foundations of Thought and Action**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1986.

BARBANTI, V.J. **Dicionário de educação física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994.

BETRÁN, J.O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. **Turismo lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

CAMERON, J., PIERCE, W.D. **Reinforcement, reward, and intrinsic motivation**: a meta-analysis. Review of Educational Research, 1994.

CAPUANO, C. A cidade da aventura. **Revista Família Aventura**, São Paulo, n.7, p. 24-45, abr., 2000.

CARNICELLI FILHO, S., TAHARA, A.K. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academias de ginástica: motivos de aderência e benefícios advindos da prática. **Revista Movimento**, [S.l.], v.15, n.3, jul., 2009.

COSTA, V. L. de M.; TUBINO, M. J. G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.96-112, 1999.

COZZANI,M.; MACHADO,A.A.; VIEIRA,E.C.; NASCIMENTO,A.L. Ansiedade: interferências no contexto esportivo. In: MACHADO,A.A(Org.) **Psicologia do esporte: Temas Emergentes I**. Jundiaí: Editora Ápice, 1997, p.109-122.

CRATTY, B. **Psicologia no Esporte**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1984.

CRUZ, J.F.A., VIANA, M.F. Auto-confiança e rendimento na competição desportiva. In: CRUZ, J.F.A.(Org.) **Manual de Psicologia do Esporte**. Braga, 1996.

DECI, E.L. **Intrinsic Motivation**. New York: Plenum, 1975.

DE MARCO, A., JUNQUEIRA, F.C. Diferentes tipos de influências sobre a motivação de crianças numa iniciação esportiva. In Piccolo, V.L.N. (Org.), **Educação Física Escolar: ser ou não ter?**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.

DIANA, R.L.O. **Variação do estado emocional durante a primeira prática de rapel**. 2004. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharel em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista , Rio Claro.

FRANCO, G.S., **Psicologia no Esporte e na Atividade Física**. Uma coletânea sobre a prática com qualidade. São Paulo: Editora Manole, 2000. (Coleção Fitness Brasil).

GOUVEA,F.C. Motivação e atividade esportiva. In: MACHADO, A.A. (Org.) **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997, p.165-191.

_____. A motivação e o esporte: uma análise inicial. In: BURITI, M de A.(Org.) **Psicologia do Esporte**. (Coleção Psicotemas) Campinas: Alínea, p.149-173, 2001.

GUSMÁN, K.L., BOYERO,M.P. **Nuevas tendencias deportivas**: Deportes de Sliz. 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 25 jan. 2006.

HARRIS, D.V., **¿Por Qué Practicamos Deporte?** – Razones somatopsíquicas para la actividade física. Barcelona, Espanha: Editora Jims, 1976.

ISLER, G.L. **Atleta, seus pais o motivaram para a prática esportiva?**- Análise das histórias de vida. 2002. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júli de Mesquita Filho, Rio Claro.

LACRUZ, I. C.; PERICH, M. J. **Las emociones em la práctica de las actividades físicas em la naturaleza**. Buenos Aires. Lecturas: Educación Física y Deportes, v.5, n.23, jul.2000. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 20 set. 2009.

LAVOURA, T.N.,SCHWARTZ, G.M., MACHADO, A.A. A democratização das atividades de aventura na natureza “Canoagem Popular”. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.13 n.2, p.80-85, abr./jun., 2007.

MACHADO, A.A. Importância da Motivação para o Movimento humano. In SOC. BRAS. DES. EDUCAÇÃO FÍSICA. **Perspectivas Interdisciplinares em Educação Física**, São Paulo, 1995.

_____. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2006.

MARINHO, A. **Natureza, tecnologia e esportes**: novos rumos. Campinas: Conexões, v. 1, n. 2, p. 60-69, 1999.

_____. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.], v.22 n.2, jan., 2001.

MARTINDALE, E., DEVILIN, A.S. e VYSE, S.A. Participation in College Sports: Motivational Differences. **Perceptual and Motor Skills**, p.1138-1150, 1990.

MUNHOZ, J.F., GONÇALVES JUNIOR, L. **Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos**. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO AMERICANO UNIMEP/FIEP, 3º, 2004, Piracicaba, anais... 2004. Disponível em: <http://scholar.google.com.br>. Acesso em; 08 ago. 2007.

MURRAY, E.J., **Motivação e Emoção**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971

NAZARI, J. **Rappel**: na perspectiva vertical. Buenos Aires, Argentina, ano 11, nº106, março, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 jul. 2007.

NAZARI, J., SILVA, A.P. **O canyoning e seu espírito desbravador**. Buenos Aires, Argentina, ano 12, nº111, ago, 2007. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 22 ago. 2007.

OKUMA SS. **Fatores de adesão e de desistência das pessoas aos programas de atividade física**. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 1994, São Paulo. Anais... São Paulo: Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade São Judas Tadeu, 1994. p.30-6.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: E.P.U. (Editora Pedagógica e Universitária Ltda.) e EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), 1987. 160p.

QUIROZ HOYOS, M. **Actividades físico-deportivas de aventura (AFA)**. Aproximación inicial a la reflexión sobre los deportes de riesgo. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 08 ago. 2007.

RICHARDSON, R.J. et al. **Pesquisa social**. métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SABA, F. **Aderência**: à prática do exercício físico em academias. São Paulo: Editora Manole, 2001.

SCHWARTZ, G. M. O corpo sensível como espaço ecológico. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.49-54, 2001.

_____. Emoção, aventura e risco: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. (Org.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p.139-168, 2002.

SILVA, R.L., MARINHO, A.,SCHWARTZ, G.M. **A aventura de ser mulher nas atividades físicas de aventura na natureza**. Buenos Aires, Argentina, ano 10, nº84, mai 2005. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 22 ago.2007.

SINGER, R.N. **Psicologia dos esportes**: mitos e verdades. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1982. 116p.

_____. ORBACH, I., Persistence, Excellence, and Fulfillment. In LIDOR, R.; BAR-ELI, M., **Sport Psychology**: Linking Theory and Practice. Morgantown, EUA: Editora Fitness Information Technology, Inc., 1999.

TAHARA, A.K. **Aderência e manutenção à prática de atividades físicas em academias**. 2001. 31f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

_____. CARNICELLI FILHO, S., SCHWARTZ, G.M. Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. **Motriz**, Rio Claro, v.12 n.1, 2006.

_____. DIAS, V.K., SCHWARTZ, G.M. A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de educação ambiental. **Revista Pensar a Prática**, v.9 n.1, 2006.

_____. SCHWARTZ, G.M. Fatores determinantes da manutenção a atividades físicas em academias. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, 2004, v.5, n.1, p.121-131.

_____, _____, SILVA, K.C. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n.4, out./dez., 2003.

TEIXEIRA, P.H.F. **Atração pelo risco: a prática do esporte de aventura**. 2004. 44f..Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

TERUYA, R. M. **O lazer nas atividades em integração com a natureza**, 2000. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

THILL, E., Motivação, Emoção, Atenção e Concentração. In _____.;THOMAS, R. ;CAJA, J., **Manual do Educador Desportivo**. Ciências Humanas Aplicadas ao Desporto. Lisboa: Dina Livro, 1989.

WEINER, B. **An attributional theory of motivation and emotion**. New York: The Guilford Press, 1986.

ZAITH, C., COTRIM, M. **História do Canyonismo**. Agosto, 2001. Disponível em: <http://360graus.terra.com.br/canyoning>. Acesso em 22 ago. 2007.

ZIMMERMANN, A.C. **Atividades de aventura e qualidade de vida**. Um estudo sobre a aventura, o esporte e o ambiente na Ilha de Santa Catarina.Revista Digital, ano 10, nº93, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 jul. 2007.

ANEXO A – Questionário aplicado.

Questionário

CANYONING / CASCADING / RAPEL

Dados pessoais

Idade: _____ Sexo: _____

Grau de escolaridade: _____

1. Há quanto tempo você pratica esta atividade?
2. Com que frequência?
3. Qual (is) o (s) principal (ais) motivo (s) que o levou (aram) a praticar esta AFAN?
4. Qual (is) o (s) principal (ais) motivo (s) que o (a) faz (em) permanecer praticando esta AFAN?
5. A amizade é um dos motivos pelo qual você continua a praticar essas atividades?
() Sim () Não
6. Você identificou alguma modificação em si, depois que iniciou a prática desta AFAN? () Sim () Não Se sim, quais foram?
7. Houve alguma melhoria na sua condição física com esta prática?
() Sim () Não Se sim, em que aspecto(s)?
8. Você encontrou dificuldades para praticar esta atividade?
() Sim () Não Se sim, quais foram?
9. Para você, o que representa poder praticar essa(s) atividade(s)?
10. O ambiente em que são vivenciadas essas AFAN interfere na manutenção desta prática? Explique.
11. Você vivenciou processos emocionais positivos e/ou negativos durante esta prática?
() Sim, Só Positivos () Sim, Só Negativos () Sim, Ambos () Não
Se sim, quais foram?
12. Como você lida com as emoções positivas e/ou negativas vivenciadas nesta AFAN?
13. O que poderia fazer você desistir de se manter nesta prática?

ANEXO B – Termo de consentimento livre esclarecido.

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Eu GISELE MARIA SCHAWARTZ, RG.625076-8, venho por meio desta, convidá-lo(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado: “Motivos de permanência nas vivências de atividades de aventura na natureza”, que tem como propósito investigar os motivos de permanência nas atividades de aventura na natureza, onde sua participação consistirá apenas em responder um questionário mito. Os resultados do estudo da pesquisa podem ser publicados, mas o nome ou identidade do participante não será revelado.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa, antes e depois do seu consentimento será esclarecida pelos pesquisadores.

O projeto não oferece quaisquer riscos aos participantes e em qualquer momento a sua participação poderá ser interrompida, sem acarretar em qualquer penalidade.

Eu, _____, RG. _____, DO SEXO _____ NASCIDO EM _____, MORADOR E DOMICILIADO À (RUA, AV) _____ N° _____, NA CIDADE DE _____ ESTADO _____, TELEFONE _____,

DECLARO ESTAR INFORMADO E PLENAMENTE ESCLARECIDO pela Profª Drª Gisele Maria Schwartz, profª do curso de Graduação do curso de Educação Física, no INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS da UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO, localizado na Av. 24-A, N° 1515 – Bela Vista, Rio Claro – SP – CEP:13506-900, fone (19) 3526-4125, sobre a minha participação no projeto, declaro ainda ter recebido um cópia deste Termo.

Local:

Data:

Participante

Profª Drª Gisele Maria Schwartz

Hugo Yukio Yagi

Sandro Carnicelli Filho
Co-orientador

Gisele Maria Schwartz
Orientadora